

PRÊMIO EDUCAÇÃO PARA A QUALIDADE DO TRABALHO

PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO

JOÃO PESSOA

ABRIL DE 1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO
58059-900 - JOÃO PESSOA -PB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS
INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO E DO
MOBILIÁRIO
RUA CRUZ CORDEIRO, 75,

TEL: (083) 216-7687
FAX: (083) 216-7504/7570
CGC: 24.098.477/0001-10

VARADOURO
58010-120 -JOÃO PESSOA -PB.
TEL; (083) 221-1817/8937
CGC: 09.249.236.0001 - 30

EQUIPE RESPONSÁVEL PELO PROJETO:

Instituições:

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Centro de Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do
Mobiliário de João Pessoa (SINTRICOM).

Coordenação geral:

Timothy D. Ireland (UFPB)
Paulo Marcelo de Lima (SINTRICOM)

Coordenação Pedagógica:

Kézia Cortez da Silva
Maria José N. Moura Araújo
Verônica Pessoa da Silva

Assessores:

Erenildo João Carlos (Matemática)
Bernardina Maria Juvenal Freire (Biblioteca Volante)
José Barbosa da Silva (Varanda Vídeo)
Maria das Dores A Silva e Silva (Oficina de Arte)
Maria de Lourdes Barreto de Oliveira (Linguagem)
Vera Esther Jandir da Costa Ireland (Linguagem)

Equipe de professores-alfabetizadores:

Geysa Flávia Câmara de Lima
Gilvamarque Pereira dos Santos
Josineide Galdino de Lima
Maria das Neves Ribeiro Marques
Sílvio Carlos Fernando da Silva
Patrícia Fernanda da Costa Santos
Veruska Correia de Araújo
Vilma Ramos Nascimento
Lusimar Nóbrega da Silva
Soraya Medeiros de Mesquita
Márcia de Lourdes Moreira de Oliveira
Janete Silva Duarte
Kátia Leite Santa Cruz
Maria do Carmo Aragão
Lucineide Cavalcante Viana
Eduardo Jorge Lopes da Silva
Ivana Maria Medeiros

Equipe de redação deste trabalho:

Timothy D. Ireland
Maria José N. Moura Araújo
Verônica Pessoa da Silva
Kézia Cortez da Silva
Erenildo João Carlos
Bernardina Maria Juvenal Freire
Maria das Dores A Silva e Silva
Maria Cleide de Barros Carvalho

ÍNDICE:

	<i>página</i>
1. Síntese do trabalho	05
2. Justificativa do Projeto	07
3. Objetivos	11
4. Caracterização do alunado	12
5. Organização curricular e metodológica	14
6. Caracterização do espaço do Projeto	29
7. Recursos didáticos e equipamentos utilizados	32
8. Horários de trabalho e da escola	36
9. Avaliação do desempenho	37
10. Indicadores qualitativos e quantitativos do projeto	44
11. Capacitação e apoio técnico aos educadores	57
12. Ações suplementares de apoio aos alunos	61
13. Estratégias de integração	62
14. Articulação com outras instituições	65
15. Políticas de incentivo à continuidade de estudos	67
16. Anexos	69

1 - SÍNTESE

A Escola Zé Peão se caracteriza como um projeto de extensão, realizado pela Universidade Federal da Paraíba/Programa de Pós-Graduação em Educação em conjunto com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de João Pessoa. Objetivando promover a escolarização dos operários desta indústria, utiliza o próprio local de trabalho (canteiros de obras) como espaço para o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

Inspirada na compreensão de que o alto índice de analfabetismo entre operários da categoria constitui uma negação dos direitos do operário como cidadão e ser humano e, também, um impedimento à sua qualificação profissional e à construção de um sindicato democrático e combatente, a Escola visa a contribuir para a educação fundamental do operário da construção.

Criado em 1990, o Projeto Escola Zé Peão oferece dois programas básicos aos operários-alunos:

- APL (*Alfabetização na Primeira Laje*), para os alunos que não têm o domínio da lecto-escrita; e
- TST (*Tijolo sobre Tijolo*), destinado aos operários com domínio elementar da leitura e da escrita.

O projeto oferece também quatro programas de apoio:

- VV (*Varanda Vídeo*), que utiliza o vídeo como recurso auxiliar para trabalhar os conteúdos de História, Geografia e conhecimentos gerais;
- A *Biblioteca Volante*, que visa a facilitar o acesso do operário-aluno ao livro e a estimular o gosto pela leitura;
- A *Oficina da Arte*, que visa a permitir o acesso do operário-aluno a outras linguagens e outras formas de expressão;

- O *Programa de Atividades Culturais*, que pretende contribuir para o desenvolvimento do aluno como ser social, cultural, e histórico através de um programa incluindo visitas a locais, eventos e sítios com valor sócio-cultural e histórico.

Em sua existência, o Projeto Escola Zé Peão tem contribuído de forma valiosa para a formação de professores de alfabetização de adultos, numa perspectiva popular, trabalhando a formação do operário como uma mediação para a formação do educador. Dessa forma, assume também um compromisso de extrema relevância para a democratização/aquisição do saber escolar pela classe trabalhadora, através da apropriação dos instrumentais de fundamental importância para a sua luta na conquista de sua cidadania.

Ao longo dos últimos sete anos, o Projeto recebeu suporte financeiro do próprio Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de João Pessoa - sem cujo apoio a Escola possivelmente teria naufragado por falta de recursos -, do FNDE (Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação) e da OXFAM. Atualmente conta com o apoio do MEB (Movimento de Educação de Base), do CAFOD (Catholic Fund for Overseas Development), do Ministério do Trabalho - através do Serviço de Emprego/SINE e da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários, da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, através do programa de bolsas de extensão.

2 - JUSTIFICATIVA

Quando, em 1990, alguns diretores do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de João Pessoa e um grupo de professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, sentaram para discutir e elaborar um projeto de alfabetização para operários da construção, partiram de uma série de premissas e constatações sobre:

- a) os índices de analfabetismo no Estado da Paraíba, especialmente entre os trabalhadores rurais: segundo dados do Censo Demográfico do IBGE, havia no Estado da Paraíba, em 1991, um total de 1.987.410 adultos com 15 ou mais anos de idade, dos quais 829.226 analfabetos (41,7%). Em termos geográficos, do total de analfabetos, 425.471 (32,3%) moravam na zona urbana e 403.766 (60,3%) na zona rural;
- b) o alto índice de operários analfabetos na indústria da construção, detectado pelo próprio Sindicato em visitas constantes aos canteiros de obras: freqüentemente, 60% - ou mais - da força de trabalho em qualquer obra é constituída por operários migrantes, temporários ou sazonais, e a população analfabeta de operários se concentra particularmente entre os serventes migrantes do campo;
- c) a ausência de programas de alfabetização de adultos trabalhadores, no âmbito estadual, e de uma política específica para este campo da educação, no âmbito federal: a partir de 1990, com o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania, o Estado brasileiro transferiu à sociedade civil a responsabilidade de resolver a questão do analfabetismo entre jovens e adultos. No Ministério de Educação e Cultura, o setor responsável pela Educação de Jovens e Adultos se resumia a uma coordenadoria com outras atribuições. No Estado, à Coordenadoria de Jovens e Adultos, na Secretaria Estadual de Jovens e Adultos, competia, basicamente, administrar os cursos regulares de ensino supletivo e os exames supletivos.

Assim, constatava-se, de um lado, a presença de um problema - o analfabetismo adulto - para o qual inexisteriam propostas de resolução e, de outro, justificava-se a importância de para ele buscar uma solução por considerar que:

1. o processo mundial de internacionalização da economia manifestava-se de várias formas em nível local, como, por exemplo, através das exigências de níveis crescentes de escolarização entre operários, inclusive os da indústria da construção. O analfabetismo passou, então, a constituir-se em um impedimento para a concretização do direito ao emprego: no início do projeto, o processo de alfabetização era também entendido como uma necessidade básica para a formação profissional do operário. Nos últimos anos, com o aprofundamento do processo de modernização tecnológica e das relações do trabalho - ambos movimentos reflexos do processo de internacionalização da economia -, a escolarização básica vem sendo colocada como um critério fundamental na seleção de candidatos para ocupar vagas até mesmo numa indústria como a da construção, que, tradicionalmente, funciona à base do uso intensivo de mão-de-obra, em grande parte, pouco qualificada e, proporcionalmente, mal remunerada.
2. o analfabetismo também constituía um impedimento à construção de um sindicato democrático, participativo e combativo; desde 1986, a direção do Sindicato vinha desenvolvendo uma política educacional baseada, entre outros fatores, na constatação de que o baixo nível de escolarização entre os operários da categoria se configurava como um impedimento ao desenvolvimento organizativo do próprio Sindicato. Assim, a escola foi concebida como uma forma de diminuir a tensão entre a proposta relativa à organização e à estrutura sindicais democráticas e participativas e a dura realidade de uma categoria sem acesso à escolarização e com acesso restrito às fontes de informação que subsidiam uma participação sindical informada e responsável.
3. a escolarização básica é um direito constitucional e um direito humano básico: a Declaração Internacional de Direitos Humanos, a Constituição Federal de 1988 e

a Declaração Mundial de Educação para Todos de 1990 são absolutamente claras e objetivas neste ponto, colocando em pé de igualdade o direito do jovem, do adulto e da criança à educação;

4. a escolarização básica de adultos se constitui em um instrumento essencial para o sucesso da política de Educação para Todos, declarada a partir da Conferência de Jomtien, em 1990, e da qual o Brasil é um dos países signatários. No **Plano Decenal de Educação para Todos**, publicado três anos depois de Jomtien, em 1993, o MEC reafirmava a posição do Brasil de honrar os compromissos assumidos em Jomtien. Consta nos *Objetivos Gerais de Desenvolvimento da Educação Básica*, contidos no capítulo III daquele documento, o de “Satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem das crianças, jovens e adultos, provendo-lhes as competências fundamentais, requeridas para plena participação na vida econômica, social, política e cultural do País.”¹ É amplamente reconhecida a importância do papel desempenhado pelos pais na escolarização dos seus filhos.

Delineado este contexto, o grupo enfrentou a necessidade de propor não somente um projeto que pudesse contribuir para diminuir o nível de analfabetismo entre os operários da indústria, mas também um projeto que

1. levasse em conta as condições específicas da indústria da construção e do seu operário: a indústria da construção é caracterizada por uma instabilidade a ela inerente (quando a mercadoria está pronta, o produtor sai de cena); por um alto nível de rotatividade, que não se registra em outros setores da economia urbana; e por ser uma indústria que ainda funciona à base do uso intensivo de mão-de-obra para tarefas de baixo prestígio social, o que atrai, precisamente, os segmentos sociais marginalizados, dentre os quais, os migrantes rurais - geralmente homens analfabetos - e os migrantes temporários ou sazonais do interior - freqüentemente maioria em qualquer canteiro de obra. Dada a sua

¹ MEC **Plano Decenal de Educação para Todos**, Brasília: MEC/UNESCO, 1993.

ligação temporária com a indústria e a cidade, são eles, predominantemente, os ocupantes dos alojamentos nos canteiros de obra, não por opção, mas por força da inviabilidade econômica de outras alternativas;

2. oferecesse um tipo de educação que pudesse contribuir para capacitar o operário para enfrentar o contexto social, econômico, sindical e educacional esboçado acima. Pelas razões delineadas no item (a), a Coordenação do Projeto decidiu levar a escola ao local de trabalho, implantando salas de aula dentro do próprio canteiro de obras. Essa decisão auxiliou a equipe a elaborar, com maior clareza, a relação postulada entre escola e trabalho produtivo. Do ponto de vista da Escola Zé Peão, seu objetivo específico seria trabalhar o saber escolar, isto é, o saber veiculado pela instituição escola - cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado - e não qualquer tipo de saber. Por outro lado, a Escola tinha, desde sua origem, o compromisso de atentar para a especificidade do mundo dos trabalhadores da indústria da construção. Essa síntese levou a equipe a definir duas diretrizes principais para a Escola: uma que explorasse a questão do trabalho como princípio educativo e outra que priorizasse os conhecimentos escolares básicos - a linguagem (desde a alfabetização), a matemática, os estudos da sociedade e da natureza. Em termos operacionais, a alfabetização passou a ser o eixo central a partir do qual outros conhecimentos seriam trabalhados. Ao mesmo tempo, tomou-se a indústria da construção como realidade a exigir o exercício da reflexão, da reelaboração de conhecimentos e da aquisição de novas formas de linguagens sociais².

² Oliveira, Maria de Lourdes B. “A educabilidade no trabalho: seu realismo numa experiência escolar com trabalhadores”, in Revista **Temas em Educação**, João Pessoa: Editora Universitária/UEPB, vol.2, 1992.

3 - OBJETIVOS

A - OBJETIVOS GERAIS:

- Alfabetizar trabalhadores da construção civil, a partir do entendimento da alfabetização como um processo que possibilita a ampliação e o aprofundamento de sua compreensão da realidade social, por meio da aquisição da linguagem, da matemática e dos conhecimentos gerais, tendo em vista instrumentalizar esses trabalhadores para lhes possibilitar a reivindicação de seus direitos de trabalhadores e cidadãos e sua qualificação profissional;
- Contribuir para melhorar o entendimento do processo de ensino-aprendizagem no campo da alfabetização do aluno-trabalhador;
- Contribuir para a compreensão da especificidade da formação de educadores de adultos.

B - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Elaborar materiais didáticos específicos para o trabalho com adultos-trabalhadores;
- Aprofundar a compreensão da relação entre a formação inicial e a formação continuada do aluno-trabalhador;
- Incentivar estudos sobre a indústria e o operário da construção;
- Registrar, sistematizar e divulgar os processos teórico-práticos desenvolvidos pelo projeto como uma forma de contribuir para a discussão sobre a educação de jovens e adultos trabalhadores;
- Contribuir para a discussão do papel do movimento sindical na nova conjuntura brasileira e mundial.

4 - CARACTERIZAÇÃO DO ALUNADO

Em termos muito gerais, os alunos-operários da Escola são, em sua grande maioria, de origem rural, do sexo masculino, de baixa renda, relativamente jovens, pouco qualificados e com baixo nível de escolarização formal.

Fonsêca (1996), em pesquisa feita em 1996³, utilizando as fichas de matrícula dos alunos matriculados na Escola em 1995, levantou dados mais específicos sobre a composição e caracterização dos alunos-operários que freqüentaram o projeto naquele ano. Dados coletados a partir das fichas em anos anteriores e posteriores à pesquisa de Fonsêca tendem a confirmar e repetir os seus resultados.

Em 1995, dos 205 trabalhadores-alunos matriculados na Escola, 179 (87,3%) eram procedentes do interior do Estado e apenas sete haviam nascido na capital. É evidente que, em um Estado cuja taxa de analfabetismo é de 32,2%⁴ - com distribuição urbano-rural de aproximadamente um terço e dois terços, respectivamente - uma categoria de origem predominantemente rural abrigará um alto número de analfabetos. O estudo mostrou ainda que 78,1% mantinham residência no interior e 14,1% moravam na área da Grande João Pessoa; que os alunos-operários eram todos homens, 71% dos quais na faixa etária de até 35 anos⁵; e que, no tocante ao estado civil, 58,5% dos alunos -ou seja, a maioria deles eram casados, 31,2%, solteiros, 2,0% separados e 8,3% não informaram o estado civil.

Com relação à escolarização formal, a maioria dos operários, ainda segundo Fonsêca, tinha tido contato limitado com a escola na idade considerada 'normal'. Dos 205 alunos matriculados, 136 (66,4%) tinham freqüentado uma escola quando crianças durante períodos de tempo bastante variados; 56 alunos (27,3%) nunca haviam freqüentado uma escola. Do mesmo total, 125 eram serventes sem qualquer

³ Fonsêca, Fábio do Nascimento. Fatores Determinantes da Evasão numa Experiência de Educação de Adultos Trabalhadores: um estudo de caso. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Mestrado em Educação, 1996. (Dissertação de Mestrado).

⁴ Dados de 1995, Fonte: IBGE - Censo Demográfico 1991/PNAD 1995.

⁵ Esses dados corroboram pesquisa encomendada pelo sindicato profissional em 1988, que apontou que 60% da categoria situado na faixa etária de 20 a 30 anos (LAT/DEP, 1988).

qualificação formal que percebiam a importância correspondente ao piso salarial mínimo vigente na categoria naquela época, ou seja R\$ 110,00.⁶ Poucos foram os que declararam ter retornado aos estudos quando já adultos, predominando entre estes os que declararam ter frequentado os cursos do extinto MOBRAL. Embora apenas 83 alunos (40,5%) tenham declarado não saber efetivamente ler e escrever, o alto índice de analfabetismo pôde ser verificado pelo volume maior de matrículas no programa de alfabetização (APL), com 110 alunos matriculados (53,7%), contra 95 alunos (46,3%) inscritos no programa de pós-alfabetização (TST). A maior parte dos alunos analfabetos concentrava-se, particularmente, entre os serventes, não apenas o grupo mais numeroso nos canteiros de obra, mas também os mais afetados pela precariedade de escolarização e qualificação profissional.

Embora limitada, esta caracterização constitui um retrato bastante representativo da realidade vivida pelos operários-alunos da Escola Zé Peão, como conclui Fonsêca:

“Expulsos do campo, pela falta de terra ou de oportunidades de trabalho, desembarcaram na cidade desprovidos do preparo mínimo exigido para o mercado formal de trabalho na cidade. A precariedade nos níveis de escolarização e a ausência de qualificação profissional os sujeitam aos empregos mais duros e penosos, de pior remuneração e mais suscetíveis à rotatividade e ao desemprego, de que resultam péssimas condições de sobrevivência.

A estas condições, comuns a muitas outras categorias de trabalhadores, somam-se aquelas próprias da indústria da construção civil (...) particularmente no que se refere à questão da insalubridade e da segurança no trabalho, que contribuem ainda mais para a deterioração das suas condições de existência.” (p.70)

⁶ Conforme tabela salarial divulgada pelo sindicato da categoria e vigente a partir de 1º de janeiro de 1995.

5 - ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E METODOLOGIA ADOTADAS

O Projeto Escola Zé Peão pressupõe que a atividade educativa seja considerada em seus múltiplos desafios, como, por exemplo, os de natureza político-social (homens concretos lutando por uma vida melhor), histórica (homens situados em um tempo e um espaço) e pedagógica (metodologias e recursos adequados).

Com relação especificamente à questão metodológica da alfabetização, considera-se que o problema do método não é, a rigor, resolvível, através de uma tomada de decisão, nem em um momento específico e nem de uma vez por todas. O que houve, no caso específico desse projeto - e acredita-se que isso seja comum a outras experiências de teor semelhante - foi o desenvolvimento de um processo contínuo de tomada de decisões que, subsumido dentro de um esquema de orientação geral definido à época da elaboração do projeto original e condicionado pelas circunstâncias da realidade vivida em cada fase de sua execução, veio a se constituir no que hoje pode-se chamar de "o método de alfabetização que utilizamos".

Não se quer com isso dizer que a experiência foi levada ao sabor das imposições do cotidiano. Absolutamente, não foi: a experiência estabeleceu mecanismos de acompanhamento /correções de rota, às vezes penosos. O que se quer é fugir de uma certa postura de apriorismo idealista, que se fixa naquilo que se desejaria que um método fosse, em vez de buscar as luzes para compreender o porquê da viabilidade de uma experiência – ou, em outras palavras, o seu método - nas relações entre teoria e prática, entre o recomendável e o desejável, o desejável e o possível.

O esquema de orientação geral a que nos referimos pautava-se pelos seguintes princípios:

1. **O princípio da contextualização:** era-nos fundamental considerar o contexto em que a experiência se realizaria. Na operacionalização do conceito de contexto, fomos privilegiando alguns fatos, como, por exemplo:
 - (a) as condições de vida, em geral, dos alunos e, em particular, as condições em que se dá a sua inserção no mundo do trabalho, precipuamente no mundo da indústria da construção;
 - (b) as lutas do sindicato dos trabalhadores dessa indústria, o qual desencadeou a elaboração/execução desse projeto escolar, como parte de seu programa de formação de base dos operários que representa;
 - (c) a localização da equipe responsável pelo Projeto no atual espectro de teorização sobre educação, de um modo geral, e sobre alfabetização, de um modo particular.

O principal mecanismo de tradução do princípio da contextualização em matéria escolar foi a elaboração de um texto didático que passou - e continua - a servir como “guia” do processo de alfabetização.

2. **O princípio da significação operativa:** defende-se, com este princípio, o exercício da busca cotidiana de sentido para "o que se faz" e "por que se faz", refletindo-se sobre o confronto entre o desejado e o possível, nas circunstâncias dadas.
3. **O princípio da especificidade escolar:** defendemos que uma escola tem compromisso com o ensino da lecto-escrita stricto sensu. Por mais elástico que o conceito de "alfabetizado" possa ser, reforçamos a explicitação de nosso entendimento de que os trabalhadores-alunos aprendam a ler/escrever textos, subordinando outras competências à realização, pelo menos concomitante, desse aprendizado específico.

Considerando o compromisso tanto com as lutas políticas quanto com a especificidade do mundo escolar, compreendemos que nosso trabalho se desenvolve em duas áreas: a da "significação" e a da "mecânica". Em outras palavras, firmamos

nosso compromisso com a organização de atividades escolares “inteligentes”, significativas e “politicamente corretas”, mas também buscamos favorecer a aquisição, pelo aluno-trabalhador, de certos automatismos referentes a como se lê e se escreve. Em síntese, o que defendemos, é uma prática docente comprometida com a busca de equilíbrio entre “significação” e “mecânica”.⁷

Com relação ao programa de pós-alfabetização, procuramos levar em consideração certos princípios norteadores, quais sejam:

-que a aprendizagem não é um processo meramente mecânico de aquisição, mas uma atividade cognitiva que incorpora o saber pré-existente do aprendiz e pressupõe sua participação ativa na aquisição de novos conhecimentos;

-que o aluno, já senhor da língua que fala, precisa apenas ser estimulado a liberar e ampliar seu potencial comunicativo. Portanto, “*não se trata de ‘ensinar’ a língua materna* (grifos nossos) que o aluno já fala ao entrar na escola; nem se pode, aliás, ensinar uma língua. O que cabe é ir aumentando a capacidade comunicativa dos alunos, trabalhar com a língua, melhorando sempre mais e tornando mais produtivo o manejo desse instrumento.” (LUFT: 33-34);

-que, além de considerar que “cada um sabe a língua que fala: a do seu tempo, sua região, sua classe social e segundo sua maneira de a interiorizar” (LUFT: 69), não se pode perder de vista o fato de que a variante lingüística utilizada pelo aluno - complexa, lógica e articulada - possibilita-lhe atender suas necessidades em seu contexto social;

-que o professor não deve desrespeitar as variedades lingüísticas utilizadas pelos alunos nem tentar substituí-las pela chamada ‘norma culta’, mas apenas possibilitar-lhes o domínio gradativo sobre esta última;

-que a idéia de línguas (ou variantes lingüísticas) ‘superiores’ ou ‘inferiores’, ‘melhores’ ou ‘piores’ é absolutamente inadmissível do ponto de vista sociolingüístico e/ou antropológico. Assim, ao professor cabe conscientizar o aluno

⁷ Para uma discussão mais detalhada da questão do método no programa de alfabetização ver IRELAND, Vera (1992) “Alfabetização de Adultos - Ainda a Questão do Método”, in **Temas em Educação**, No.3, 1993, UFPB: João Pessoa.

sobre a existência de diferentes variedades lingüísticas - e seu prestígio social relativo - todas equivalentes no que tange ao seu poder comunicativo, desenvolvendo sua percepção da dicotomia existente entre o padrão culto e o popular; e

-que as atividades lingüísticas a serem desenvolvidas em sala de aula (leitura, produção oral e textual, análise) estão intimamente ligadas e se complementam⁸.

- **Na área da linguagem⁹ ...**

No programa de alfabetização, trabalhamos, principalmente, com o livro **Aprendendo com o Trabalho**, já anteriormente mencionado, mas também utilizamos textos complementares e vídeos informativos para viabilizar o estudo e a discussão dos conteúdos sociais.

O trabalho com a linguagem prioriza o estudo das quatro habilidades básicas - ler, escrever, falar e ouvir. O processo de aquisição dessas habilidades é norteado por um conceito de ensino de linguagem que pressupõe mais do que a metalinguagem. A partir deste enfoque, pretende-se incentivar os alunos-operários a ler, compreender e analisar aspectos de sua vida pessoal e social e a entender a língua como instrumento de conhecimento. Dessa forma, buscamos, especificamente:

- a reflexão sobre a relação entre linguagem popular e linguagem erudita;
- a expansão do vocabulário do próprio aluno;
- o desenvolvimento da capacidade verbal articulada;
- o domínio gradativo da língua culta.

Nesta perspectiva, a linguagem pode ser concebida como uma forma de ação, o *locus* da interação humana. É por intermédio da linguagem que o homem

⁸ Barros, Ma. Cleide de C. "A Área de Linguagem no Programa *Tijolo sobre Tijolo* da Escola Zé Peão", João Pessoa, 1992 (mimeo).

⁹ Ver conteúdo programático em anexo.

praticar ações que não praticaria, a não ser falando. Ao falar, o homem age sobre seu interlocutor, estabelecendo compromissos e vínculos.

No espaço dedicado ao ensino de linguagem, o alfabetizando é levado a perceber a língua e a linguagem como elementos de reflexão: a partir da compreensão de suas próprias palavras, de seu discurso e do discurso do outro, adquire, gradativamente, o domínio da leitura e da escrita.

O fazer e o pensar pedagógicos levam em consideração os seguintes aspectos:

A oralidade: a fala do aluno se constitui no elemento primeiro para o trabalho de linguagem, condição para a auto-afirmação do aluno como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, a partir do que faz valer seu direito a um espaço que é seu, embora, historicamente, dele tenha sido alijado. Aqui fica evidente o fato de que a linguagem é produto da interação humana - o saber falar pressupõe o saber ouvir: exercício da dimensão da alteridade. A partir da análise da fala do aluno e da reflexão que sobre ela se faz, pode-se vislumbrar um leque de opções que serão objeto de trabalho no ensino de linguagem.

O conteúdo social: por intermédio da expressão oral, surge o aspecto do conteúdo a ser veiculado pela escola tanto em nível social como lingüístico.

A escrita: os temas abordados e discutidos durante o exercício da prática oral são registrados pelos alunos em forma de texto.

O conteúdo lingüístico: a produção do aluno (palavra, frase, texto, exercício) é o ponto de partida para a prática de análise lingüística. Juntos, professor e alunos, sempre de forma interativa, trabalham a reconstrução da produção do aluno (palavra, frase, texto, exercício). Não há sentido em se trabalhar regras gramaticais nem conceitos lingüísticos fora de um contexto de produção, de uso da língua, prática essa que deve ser evitada, senão abolida totalmente. É da discussão de um problema pelo grupo que devem partir as soluções. O professor deve manter o processo de interação professor-aluno, aluno-aluno, no espaço da sala de aula. Neste momento o tema de discussão é a linguagem.

Para cada aula de prática de análise lingüística, o professor seleciona apenas um problema, pois infrutífero seria tentar enfrentar, de uma só vez, todos os problemas existentes em um texto produzido.

A análise: a prática de análise lingüística deve se caracterizar pela retomada do texto produzido, a ser re-escrito pelo aluno, que deverá ser instado a priorizar o aspecto então selecionado para se constituir em objeto da análise lingüística.

- **Na área de matemática¹⁰...**

¹⁰ Conferir conteúdo programático da área, em anexo.

Trabalhar a questão da matemática em um projeto de educação de adultos é sempre um desafio, haja vista o número reduzido - em certos conteúdos, até mesmo ausente - de métodos, técnicas e materiais que estejam voltados para este alunado.

O acúmulo de saberes que a experiência nos tem proporcionado, nos tem levado a refletir sobre a necessidade de resgatar a idéia da matemática também como uma linguagem que, mesmo considerando a especificidade que lhe é peculiar, precisa estar vinculada a outras linguagens (visual, oral, entre outras).

Uma dado bastante comum nos cursos de alfabetização é a priorização do ensino da leitura e da escrita, em detrimento da educação matemática. Tem-se aí uma concepção de alfabetização quem, segundo Carlos¹¹ (1997: 3), “(...) acaba por realizar uma operação de exclusão de outras modalidades de saberes escolares e populares da própria formulação conceitual de alfabetização. Ou seja, o conteúdo conceitual da palavra alfabetização deixa de considerar a Matemática, a História, a Geografia, a Ecologia, enfim, as Ciências Humanas e Naturais bem como a História, a cultura e o saber dito popular como componentes necessários dessa constituição conceitual particular.”

O ensino da matemática é norteado por alguns princípios básicos, que levam em consideração os aspectos metodológico e lúdico. A base do trabalho é o ensino de ciência, também em sua dimensão matemática.

O princípio metodológico tem um caráter essencialmente histórico, ou seja, procura acompanhar o desenvolvimento dos conceitos, tal como isto se deu na história da humanidade, ressaltando os problemas concretos enfrentados pelos homens e que estão na origem das soluções encontradas. De acordo com Kulesza, “a persistência desses problemas seja na história de vida dos alunos, seja no seu cotidiano atual, servirá para ilustrar durante as aulas os conteúdos de Ciência e

¹¹ Maiores esclarecimentos ver Erenildo João Carlos, em texto roteiro da palestra ministrada no curso de formação dos educadores da rede municipal de João Pessoa.

Matemática a serem trabalhados, demonstrando assim sua relevância para a vida moderna.“ (KULESZA, 1991 : 1)

O aspecto lúdico da prática educativa relativa à matemática deve ser constantemente ressaltado em sala de aula, principalmente através da utilização de jogos. A descontração gerada por esse tipo de atividade é imprescindível, considerando o cotidiano dos nossos alunos e a dimensão do processo de ensino-aprendizagem.

Implicações práticas do ensino da matemática no cotidiano

1. Relacionados ao trabalho do professor

- **Planejar as aulas.** Uma prática educativa escolar que não tenha como referência um projeto de trabalho é inconcebível.
- **Não improvisar as aulas.** A não elaboração antecipada de exercícios e questões poderá gerar dificuldades no que diz respeito ao princípio da simplicidade, sem o qual a compreensão do assunto ou questão em pauta poderá ficar comprometida.
- **Trabalhar o que foi planejado de forma flexível** sem perder de vista a possibilidade de inclusão de fatos eventuais colocados pelos alunos ou gerados pelo momento social.
- **Dialogar com os colegas sobre o processo de ensino da matemática** a fim de descobrir novas formas de trabalhar determinados assuntos.
- **Elaborar um diário de campo** no qual a vivência da sala de aula possa ser devidamente registrada. Identificar e descrever as dificuldades sentidas na condução da aula, na aprendizagem dos conteúdos por parte dos alunos, seus sucessos, acertos e erros no uso de determinados recursos e dinâmicas, a aceitação ou não de certas atividades e exercícios...
- **Relacionar conteúdo e realidade.** Não perder de vista a ligação permanente entre o conteúdo ensinado e o cotidiano sócio-político e

histórico do aluno, aspectos que devem ser constantemente considerados ao se elaborar o plano de aula.

- **Ter sensibilidade cognitiva.** Manter uma escuta sensível em relação às dificuldades do aluno, de modo que as explicações do professor possam eventualmente ajudar na compreensão dessas dificuldades. Não falar por falar. Evitar falas vazias e redundantes.
- **Criar um ambiente motivador.** Estimular os alunos mais silenciosos ou tímidos a se expressar, por intermédio das práticas oral e escrita, integrando-os ao restante do grupo, incentivando-os a falar, perguntar, colocar seu saber, suas dúvidas, suas angústias...
- **Trabalhar as dificuldades** identificadas logo que possível, através de explicações e exercícios específicos e apropriados.

2. Relacionado ao conteúdo a ser ensinado

- **Partir do simples para o complexo.** Partir sempre de conteúdos/questões simples para conteúdos/questões complexas ao elaborar as aulas e os exercícios.
- **Considerar as diferenças de aprendizagem.** Elaborar as aulas, tomando como ponto de partida as diferenças de ritmo, compreensão, e frequência dos alunos.
- **Considerar o tempo real necessário para a aprendizagem dos diferentes conteúdos.** Distribuir o conteúdo de acordo com o tempo de aprendizagem dos alunos de cada canteiro.

3. Relacionado à utilização de alguns recursos

- **Ilustrar o ambiente de sala de aula** com informações já trabalhadas no dia a dia da escola. Na ausência do professor, a utilização desse material

exposto poderá possibilitar a revisão e/ou fixação de assuntos já abordados.

- **Usar a calculadora para a** verificação dos resultados das operações, chamando a atenção do aluno para a importância e as conseqüências da introdução da máquina - em particular, a utilização da inteligência artificial (calculadora, computador...) - no cotidiano da vida moderna e pós-moderna. Lembrar o aluno que a calculadora permite apenas o conhecimento do resultado, mas não do processo, o que significa que o erro só poderá ser identificado e corrigido se se tiver conhecimento do processo.
- **Usar o ábaco** como um recurso alternativo para a concretização da contagem, do sistema de posição decimal, das operações de soma e de subtração. Em outras palavras, embora o ábaco possa ser utilizado como uma calculadora para verificar resultados, ele é um recurso didático que possibilita a compreensão concreta da relação abstrata processo/produto de certos assuntos da matemática.
- **Construir tabelas** a partir da idéia de que elas são meios para a sistematização de dados, informações. Nessa perspectiva, sua utilização extrapola o sentido limitado e restrito de uma tabuada. As operações são apenas uma modalidade de dados que podem ser sistematizados em forma de tabela. Antes de sistematizar os dados de uma determinada operação, é imprescindível que se discuta o sentido amplo da tabela, que se aprenda a ler, de forma diferente os dados nela contidos e que se construa tabelas sobre diferentes aspectos da realidade do educando (por exemplo, idade/ano, data de nascimento, distância/tempo entre a capital e o interior, profissão/salários, gastos semanais etc.).
- **Dinamizar as aulas com jogos (dominó, bingo, palito...), vídeos e outros recursos**, utilizando-se apenas como meios, jamais como fins, sem perder de vista sua adequação ao conteúdo e à turma.

4. Relacionado à elaboração de atividades e exercícios

- **Apresentar os símbolos matemáticos como forma de representação do real.**
 - utilizar desenhos e símbolos diversos para discutir os seus significados;
- **Ampliar o universo simbólico, vocabular e conceitual matemático do educando.**
 - montar um pequeno glossário da matemática;
- **Estabelecer a articulação entre fonemas/grafemas matemáticos** (partir do oral para o escrito)
 - exercitar a leitura e a escrita de diferentes símbolos matemáticos;
 - Decorar a sala de aula com esses símbolos;
- **Articular o ensino de matemática com o ensino de linguagem, ciências, história, geografia etc.** (buscar o exercício da interdisciplinaridade);
 - Utilizar/montar textos que abordem temáticas sociais e/ou ecológicas e que contemplem, ao mesmo tempo, a linguagem e/ou os problemas matemáticos;
 - **Reconstituir a cultura matemática implícita no cotidiano do educando**, o que implica o reconhecimento da presença da matemática em seu universo vocabular, em sua forma de raciocinar etc.

5. Relacionado a alguns cuidados necessários

- **Exercitar a leitura/escrita dos grafemas matemáticos.** É imprescindível que se desenvolva mais sistemática e freqüentemente o perfil gráfico dos algarismos e sinais utilizados pela matemática e que se trabalhe a leitura da organização algorítmica das operações em sua dimensão horizontal e vertical.
- **Evitar a formulação de problemas matemáticos que contenham operações ainda não estudadas.** Simplificar os problemas, trabalhando gradativa e cumulativamente as operações.

- **Tomar cuidado com a falta de continuidade.** Evitar, no decorrer das aulas e na elaboração dos exercícios, a realização de cortes/rupturas entre um assunto e outro, entre um bloco de questões e outro, respeitando, assim, tanto o princípio da complexidade como o da articulação entre os conteúdos.
- **Evitar a utilização de exercícios do tipo descoberta do termo desconhecido ($? - 8 = 7$ ou $13 - ? = 7$; $? \times 5 = 30$ ou $30 \div ? = 6$), sem que antes se tenha trabalhado a operação inversa que possibilita a descoberta do termo desconhecido.** Uma de finalidades desse procedimento seria justamente proporcionar a compreensão da inversibilidade de certas operações (soma/subtração, multiplicação/divisão, potenciação/radiciação).
- **Evitar uma quantidade excessiva de questões num mesmo exercício** destinado a um determinado dia de aula. Distribuir melhor a quantidade de questões considerando o tempo necessário para sua realização. Isso poderá evitar a sensação de saturamento e exaustão expressas pelos alunos através de afirmativas do tipo: “fiquei empilhado numa tulha de conta”, “a professora botô bonzinho hoje na gente” e “o côco aqui é seco”.

Ainda nessa mesma linha de raciocínio, podemos dizer que a apropriação sistemática do conhecimento veiculado pela escola, por parte do aluno, se organiza em torno de um conteúdo programático mínimo que precisa ser trabalhado num dado período de tempo, respeitando-se o tempo, o ritmo e as diferenças individuais. Um programa não é uma camisa de força, mas um roteiro necessário e flexível.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Significado Sócio-histórico do Uso da Matemática

2. Representação e Símbolo

Significação Conceitual

A Linguagem Matemática uma forma de representação e Comunicação do real

3. Numeração

História dos Números

Número, Numeral e Algarismo (Indu-Arábicos e Romanos)

Contagem

O Ábaco

Relação de Ordem

Sistema de Numeração Decimal

Ordens e Classes

Valor Relativo e Valor Absoluto

Decomposição dos Números

Números Ordinais

Números Decimais (décimos, centésimos, milésimos)

4. Adição

Significação Conceitual

Sinal

Organização Algorítmica

Operação Sem e Com Reserva

Com Números Decimais

Propriedades

Verificação

A Calculadora

Problematização

5. Subtração

Significação Conceitual

Sinal

Organização Algorítmica

Operação Sem e Com Reserva

Com Zero no Minuendo

Com Números Decimais
Propriedades
Verificação
Problematização

6. Multiplicação

Significação Conceitual
Sinal
Organização Algorítmica
Operação Sem e Com Reserva
Com um algarismo no Multiplicador
Com dois, três e mais Algarismos no Multiplicador
Por 10, 100 e 1000
Com Números Decimais
Propriedades
Verificação
Problematização

7. Divisão

Significação Conceitual
Sinal
Organização Algorítmica
Operação Exata e Não-exata
Com um Algarismo no Divisor
Com dois e três Algarismos no Divisor
Por 10, 100 e 1000
Com Números Decimais
Verificação
Problematização

8. Noções de Fração

Significação Conceitual
Sinal
Organização Algorítmica
Operação
Problematização

9. Noções de Regra de Três

Significação Conceitual
Sinal
Organização Algorítmica
Operação
Problematização

10. Noções de Porcentagem

Significação Conceitual
Sinal
Organização Algorítmica

Operação
Problematização
11. Noções de Geometria
Significação Conceitual
Ponto e Reta
Ângulo
Polígonos
Triângulos
Quadriláteros

12. Noções de Medida

- Significação Conceitual
- Tipos de Medidas Populares utilizadas no Cotidiano
- De comprimento
O Metro
Múltiplos e Sub-múltiplos
Perímetro
Problemas
- De Superfície
O Metro Quadrado
Múltiplos e Sub-múltiplos
Áreas de Figuras Planas
Problemas
- De Tempo
A Hora
Múltiplos e Sub-múltiplos
Problemas
- De Capacidade
O Litro
Múltiplos e Sub-múltiplos
Problemas
- De Massa
O Grama
Múltiplo e Sub-múltiplos
Problemas
- De Volume
Múltiplos e Sub-múltiplos
Problemas

6 - CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DE REALIZAÇÃO DO TRABALHO

O espaço em que funcionam as salas de aula da Escola Zé Peão é garantido através de Convenção Coletiva da categoria desde 1990. A seguir, a redação da cláusula que foi incluída na Convenção Coletiva 1995/96:

CLÁUSULA 19ª - EDUCAÇÃO BÁSICA DO TRABALHADOR

Havendo entendimento entre a EMPRESA e o SINTRICOM, a mesma concederá um local iluminado e com condições adequadas para implantação de cursos de alfabetização, ministrados pelo sindicato dos trabalhadores. Os operários alunos serão dispensados do serão, quando houver.

A instalação das salas de aula nos canteiros obedece alguns critérios básicos, a saber :

- estágio de execução da obra (devendo estar pelo menos na fase de construção da segunda laje);
- previsão de duração da obra (tempo mínimo de um ano para o seu término);
- interesse - ou procura - dos operários em freqüentar a Escola;
- número de operários alojados no canteiro e possibilidade de aglutinação de outros canteiros.

No ano de 1997, o Projeto instalou 16 salas de aula em 8 canteiros-de-obras, principalmente na zona litorânea, tendo em vista uma maior densidade de obras

nessa área. Neste ano (1998), foram instaladas 16 salas de aula (08 de APL e 08 de TST). Também, abrimos - com o apoio do SESI - uma sala do Telecurso 2000, na sede do Sindicato, para os seus diretores e para os alunos mais avançados da escola, e já entramos em acordo com a Secretária de Educação e Cultura (SEDEC) do Município de João Pessoa, para encaminhar a uma escola municipal, localizada no bairro do Bessa e que oferece uma sala de 4ª série para adultos, no turno noturno, os alunos que terminaram o programa TST no ano passado e que expressaram seu interesse em continuar estudando.

A política de aglutinar operários-alunos de várias obras na mesma sala de aula, iniciada em 1997, está sendo mantida em 1998. Em 1997, operários-alunos de 34 empresas freqüentaram a escola apesar da existência de apenas 16 salas-de-aula, distribuídas em 08 canteiros-de-obras. No presente ano, os 426 operários-alunos matriculados nas 16 salas da Escola são originários de 32 empresas.

A qualidade do espaço físico concedido pelas empresas varia bastante. Em alguns casos, a empresa participa ativamente da Escola, às vezes oferecendo mesas, bancos e quadros de giz. Em outros casos, faz-se necessário fazer valer, no cotidiano, os termos mínimos da convenção coletiva. Nesses casos, o Projeto fornece todo o material para viabilizar o funcionamento da Escola: mesas, cadeiras, quadros de giz, e, até, lâmpadas - além do material escolar que todos os alunos-operários da escola recebem. Em 1992, escrevendo sobre uma visita a um dos canteiros onde mais tarde a escola instalou uma sala de aula, Maria de Lourdes de Oliveira comentou:

“Numa obra visitada (com mais de 500 operários, dos quais muitos moravam em favelas próximas e outros no próprio canteiro), observou-se a distribuição da atividade produtiva e do espaço privado do trabalhador. A cultura letrada mapeava fortemente o espaço e inscrevia o mundo da letra

escrita no universo do trabalhador iletrado como, aliás, ocorre com os demais espaços da sociedade onde ele vive. Ali, a escrita, mesmo como instrumento estranho, age sobre ele, o subordina (...).

Muitas outras inscrições expressavam a disciplina do espaço e a presença forte da letra impressa. Esta inscrevia a relação da lecto-escrita com o trabalhador, mesmo analfabeto. A escrita era uma forma de mapear o espaço subordinado a todos e, de forma específica os não-letrados, que se viam na dependência da leitura de outros.

O mundo do trabalho expunha o mundo da cultura letrada, no qual a escola tinha um papel. Isto ficara evidente não só no uso da escrita mapeando e informando o espaço do trabalho, mas também, se se considera a ciência embutida nas máquinas e tecnologias usadas na produção como instância que tem íntima relação com a escola. Ali também, produção e escola aparecem como mundos contrários mas que têm unidade.”¹²

A decisão de levar as salas de aula para o canteiro de obras tem sido, para o Projeto, uma marca importante da escola. Julgamos que assim facilitamos a participação do operário. Porém, reconhecemos que este espaço ocupado pela escola não é isento de contradições: “A sala ocupa um espaço à noite depois das atividades produtivas terem terminado, mas o espaço da obra, por mais que o enfeitemos com cartazes, mapas, desenhos dos alunos e outros materiais pedagógicos, ainda é um espaço regido por regras impostas pelas relações sociais de produção.”¹³

¹² Maria de Lourdes Barreto de Oliveira (1992) *A educabilidade do trabalho: seu realismo em uma experiência educativa com trabalhadores*, in **Temas em Educação**, No.2, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. p.42.

¹³ Timothy D. Ireland (1996) *Escola Zé Peão: uma prática educativa com operários da construção em João Pessoa*, in **RAAAB Alfabetização e Cidadania**, No. 4, São Paulo. p.38.

7 - RECURSOS DIDÁTICOS E EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

O Projeto Escola Zé Peão tem dedicado especial atenção à questão de materiais didático-pedagógicos adequados ao trabalho educativo com jovens e adultos, criando e elaborando os seus próprios materiais e pesquisando e avaliando materiais produzidos por outras instituições e organizações preocupadas com a educação básica de jovens e adultos trabalhadores.

Dentre os recursos produzidos pelo Projeto, destacamos a publicação, no ano de 1995, de dois livros; **Aprendendo com o Trabalho** e **Benedito: Um Homem da Construção**, elaborados por membros da Coordenação do Projeto. Os livros constituem o eixo central do processo de aquisição e/ou desenvolvimento da lecto-escrita. No campo da matemática, um dos assessores elaborou uma série de cadernos sobre o ensino de matemática e ciência, que servem de orientação básica para o trabalho desenvolvido neste campo. Apesar de o conteúdo trabalhado se referir primordialmente à matemática, o autor lembra a importância de se ter sempre presente o fato de que, nesta área, estamos lidando com a chamada alfabetização científica, isto é, estamos fazendo a leitura de um mundo profundamente marcada pela ciência e que exige de nós uma ação também cada vez mais condicionada pelos desenvolvimentos tecnológicos.¹⁴

Assim, a Escola utiliza recursos didáticos desenvolvidos pela coordenação e professores do próprio Projeto e incorpora materiais elaborados por outros projetos e grupos (os livros de contos e fábulas **Confabulando**, **Poetizando**, e **Historiando**¹⁵, e a **Cartilha Paraibana**¹⁶) no cotidiano de sua prática pedagógica, sempre com o intuito de proporcionar uma educação de qualidade aos alunos-operários que freqüentam a Escola. Além desse material, também são usados artigos e gravuras de jornais e revistas (locais e nacionais), livros de literatura (como, por exemplo, **Vidas**

¹⁴ Wojciech Kulesza “Ciências e Matemática”, João Pessoa: UFPB, 1993 (mimeo)

¹⁵ VEREDA **Confabulando**, Arte e Movimento: São Paulo, 1994; **Poetizando**, Arte e Movimento, 1994; **Historiando**, Arte e Movimento, 1995.

¹⁶ Rodriguez, J.L., Telles, Gislaime M.V.V. e Da Silva, J.N. **Cartilha Paraibana**, Editora Grafset:João Pessoa, 1993.

Secas, de Graciliano Ramos), literatura de cordel, MPB etc. Produções textuais e cartazes elaborados pelos alunos da Escola também fazem parte do material disponível para os professores e alunos tanto nas salas de alfabetização como nas de pós-alfabetização¹⁷.

Com o objetivo de incentivar a leitura e proporcionar aos alunos um contato maior com a escrita, o Projeto também dispõe de uma biblioteca volante que coloca à disposição dos alunos-operários um variado acervo, reunindo obras de literatura, história, geografia, política, economia, etc. no intuito de possibilitar o contato do alfabetizando com a informação, buscando despertar no aluno a curiosidade e motivação pelo suporte bibliográfica. A biblioteca conta com um acervo de aproximadamente 300 volumes, além de outras fontes de informação como: jornais, revistas, folhetos etc. selecionados de acordo com as necessidades e o nível dos alunos, criando uma política própria e específica para o desenvolvimento da coleção. Compõem ainda a biblioteca duas caixas-estante que servem de suporte físico para a guarda e acondicionamento do material bibliográfico e não bibliográfico.

Dadas as especificidades da escola, fez-se necessário a elaboração de um sistema próprio de classificação e catalogação que atendesse as peculiaridades do usuário alvo - o operário da construção - em processo de alfabetização. Para tanto, optou-se pela utilização do arranjo na modalidade da localização relativa. Essa modalidade toma por base a ordenação de obras de acordo com o assunto principal. No caso específico da Escola Zé Peão, utilizou-se um código de cores para representar um determinado assunto e seus aspectos.

Para facilitar a localização das obras na caixa-estante, foi estabelecida uma legenda, identificando a cor escolhida e o assunto da obra codificada, afixada nas paredes da própria caixa, em local visível, ao mesmo tempo em que se buscou identificar as obras, colando fitas coloridas na lombada ou dorso das mesmas. Objetivando a recuperação da informação, buscou-se treinar o corpo de professores-

¹⁷ Como exemplo dessas produções, vide caderno de Coletânea de textos dos alunos do TST - Canteiro do Hardman. João Pessoa, mimeo, 1995. 47 p. (Em anexo)

alfabetizadores como também desenvolver atividades que propiciassem o desenvolvimento da leitura a partir da utilização das famílias de palavras de domínio dos alunos. Como atividade a biblioteca procura desenvolver parcerias com outras bibliotecas locais (SESC, Biblioteca Pública e a Biblioteca Universitária), visando ampliar ainda mais o acervo bibliográfico e não bibliográfico como também, aumentar as possibilidades de desenvolvimento da lecto-escrita e do cidadão enquanto ser capaz de gerar, produzir, criticar/avaliar e disseminar informações.

Em 1995, o projeto lançou o vídeo intitulado “**Construindo um Mundo Escrito**”, um registro histórico e memorial que conta um pouco de sua trajetória. O mesmo tem sido utilizado como forma de divulgação da experiência, em encontros e seminários, quando solicitado, constituindo-se também em um recurso didático utilizado em sala de aula, como elemento que permeia e suscita discussões sobre a gênese do Projeto.

Acrescentamos, ainda, o uso de jogos didáticos utilizados nas áreas de linguagem e matemática, através dos quais os alunos podem apreender conceitos e exercitar regras de forma mais lúdica. Dentre esses jogos, podemos destacar a presença dos mais tradicionais e conhecidos pelos operários, tais como: dominó, damas, baralho e jogo de palitos. Temos também outros jogos confeccionados pela própria equipe do Projeto (alunos/professores/ coordenadores e assessores), através de pesquisas, experimentação e resgate dos conhecimentos dos alunos.

Para o ensino da matemática, a escola também utiliza-se do ábaco - instrumento milenar de contagem - como recurso didático necessário à compreensão do sistema de numeração e das operações adição e subtração.

No que se refere ao ensino dos conteúdos relativos aos conhecimentos gerais, como, por exemplo, história e geografia, são utilizados mapas, globos, slides, vídeos e visitas culturais (ao Planetário, ao Forte de Cabedelo, ao cinema e ao teatro, entre outras), como forma de proporcionar aos alunos-operários a ampliação de seu universo cultural e de seu conhecimento do mundo. Já no ensino de Ciência, para

discussão de temas ligados a acidentes no trabalho, doenças sexualmente transmissíveis, meio-ambiente, saneamento básico etc., são utilizados os recursos acima citados bem como palestras com profissionais das áreas afins e a distribuição de cartazes, preservativos e panfletos informativos.

Ainda com relação ao trabalho com os conteúdos sociais, o Projeto emprega o vídeo e a televisão como recursos didáticos em sala de aula, permeando as discussões a partir de eixos temáticos, tais como: gênero, saúde, sexualidade, reforma agrária, etnia, e meio-ambiente.

Como forma de resgatar a subjetividade e sensibilidade e de desenvolver a oralidade e a capacidade motora dos alunos-operários, o Projeto desenvolve trabalhos de arte-educação, utilizando-se de materiais como: pincéis, tintas, argila, giz colorido, mamulengos, hastes plásticas e de madeira e até um torno para modelagem de argila. Através desse trabalho, professores e alunos descobrem outras formas de linguagem e de expressão que propiciam um melhor desenvolvimento do processo de alfabetização e de construção do conhecimento.

“Como nos educarmos esteticamente para encontrar no mesmo tempo, no canto de uma ordem de luta e na sinfonia que elabora a história de um povo, diferentes caminhos para uma mesma alegria?”

8 - DURAÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO DOS ALUNOS TRABALHADORES

A jornada semanal na Indústria da Construção, em João Pessoa, continua sendo de 44 horas semanais, distribuídas da seguinte forma:

De segundas às quintas feiras	07:00 - 11:00
	12:00 - 17:00
Sextas feiras	07:00 - 11:00
	12:00 - 16:00

A jornada oficial é quase sempre acrescida de horas extras e serão¹⁸.

PERÍODO, FREQUÊNCIA E HORÁRIO DA ESCOLA

As aulas nos canteiros-de-obras ocorrem de segunda à quinta feira, no horário noturno, depois do segundo turno de trabalho, das 19:00 às 21:00 horas.

Em 1998, o ano letivo começou no dia 16 de março e terminará no dia 10 de dezembro. Haverá um recesso de 10 dias letivos no final de junho/início de julho (19/06 a 06/07)¹⁹.

¹⁸ Vale salientar que todas as tentativas de negociar uma redução da jornada de trabalho (uma hora dentro da jornada e uma hora fora, por exemplo) para os operários-alunos da Escola foram intransigentemente negadas pelo SINDUSCON.

¹⁹ Ver calendário anual de atividades em anexo.

9 - AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS

O Projeto Escola Zé Peão compreende a avaliação como elemento de extrema relevância no processo de construção e aquisição do conhecimento. Entende também que a mesma não deve ser restrita a períodos e etapas únicas preestabelecidas.

Quando se reflete sobre a questão da avaliação, assume-se a complexidade inerente a todo procedimento avaliativo, não importando apenas saber o que o aluno sabe, mas sobretudo como ele utiliza o seu saber, se seu conhecimento lhe confere uma vida melhor, se o torna um ser humano mais capaz, consciente de seu papel de cidadão. Assim, interessa, ainda, avaliar não somente o produto, o resultado final, mas o processo como um todo, do qual o aluno é parte ativa e integrante.

Com base nessa compreensão, o Projeto desenvolve processos avaliativos permanentes, tendo como eixo norteador a avaliação do processo e dos conteúdos.

A avaliação do processo envolve todos os trabalhos realizados pelo Projeto no decorrer do ano letivo, contemplando o trabalho em sala de aula com os alunos-operários, as reuniões com a equipe pedagógica (professores e coordenadores), as reuniões com o Conselho de Representantes de turma, as atividades culturais, o trabalho do programa Varanda Vídeo, as visitas pedagógicas da coordenação às salas de aula, as oficinas de arte, a circulação da biblioteca volante, o desempenho da equipe pedagógica, a relação entre coordenação-professores-alunos, entre outras²⁰.

Na avaliação dos conteúdos são considerados as dificuldades de aprendizagem, o desenvolvimento oral e escrito dos alunos, o avanço quanto ao nível de interpretação textual, além da participação e intervenção dos alunos, tanto no espaço de sala de aula como nas decisões do Projeto como um todo²¹.

²⁰ Ver em anexo exemplos das avaliações do processo realizada com os alunos-operários no ano de 1997.

²¹ Segue também exemplares das avaliações dos conteúdos referente ao ano de 1997, nos programas APL e TST.

Os momentos avaliativos são de suma importância para o bom andamento do Projeto. Os resultados obtidos na avaliação são múltiplos e dentre os seus propósitos mais relevantes destacamos o aperfeiçoamento da aprendizagem dos alunos, da atuação do educador, da metodologia e do programa curricular.

No Projeto Escola Zé Peão a avaliação é peça fundamental na definição da continuidade da experiência, assim como na incorporação e efetivação das mudanças necessárias e possíveis.

Como exemplo concreto dessas afirmações descreveremos a partir de então algumas etapas do processo avaliativo desenvolvido pela Escola.

A avaliação é considerada desde o primeiro contato com o aluno. No ato da matrícula, dele se solicita a identificação de algumas letras, sílabas, palavras, frases, números, operações e a escrita de alguns de seus dados pessoais, através de uma ficha roteiro. É com base no desempenho obtido que será definido o programa de ensino do qual o aluno fará parte²².

A ficha referendada abaixo demonstra esse procedimento:

Aluno: Severino Ramos Pereira

Programa de Ensino: Alfabetização (APL)

Ano de Matrícula: 1996

²² Em 1998, além do preenchimento da ficha de matrícula, o Projeto adotou a medida de reunir na mesma sala, por uma semana, os alunos dos dois programas (APL/TST) como forma de melhor perceber os conhecimentos prévios de cada aluno.

FIGURA

Nota-se, portanto que os itens destacados na ficha de avaliação possibilitam a percepção acerca do nível de conhecimento que o aluno possui. No caso exemplificado, pode-se observar um domínio bastante elementar da lecto-escrita e dos conhecimentos matemáticos, tendo sido essa ficha de matrícula preenchida pelo professor. Portanto, este aluno integrará o programa de alfabetização.

A segunda etapa desse processo é o trabalho cotidiano de sala de aula, o qual constitui-se em um instrumento capaz de mostrar ao educador os avanços obtidos pelo aluno na escrita, na leitura, na participação e intervenção no espaço de sala de aula, assim como as dificuldades que precisam ser trabalhadas.

Os exercícios demonstrados a seguir, retratam a avaliação quanto à evolução do aluno Severino Ramos Pereira em várias atividades realizadas no programa de alfabetização em que fora matriculado:

- 1) Exercício de formação de palavras

FIGURA

2) Exercício de formação de frases

FIGURA

3) Leitura e pesquisa de palavras conhecidas

FIGURA

4) Construção da tabela da adição

FIGURA

No programa de pós-alfabetização, são obedecidos os mesmos critérios considerados no programa de alfabetização e já descritos anteriormente. Como exemplo, destacaremos abaixo a ficha de matrícula do mesmo aluno Severino Ramos Pereira, que ingressou no Projeto em 1996, no programa de alfabetização

(APL) e, posteriormente, passou a integrar o programa da pós-alfabetização (TST), no ano de 1997.

FIGURA

Esses exemplos demonstram que a avaliação é assumida como eixo condutor do processo de ensino-aprendizagem, ultrapassando a visão pragmática de algo meramente mensurável e quantificável.

Revela-se, portanto, o entendimento da aprendizagem em sua dimensão contínua e processual, em cujo conceito estão também embutidos valores passíveis de verificação, que permitem o estabelecimento de alguns parâmetros indicadores do nível de aprendizagem do aluno.

Essas discussões evidenciam o desafio de se buscar a re-significação da concepção de alfabetização, sobretudo na área da Educação de Jovens e Adultos. Em outros termos, ressaltamos que esse conceito deve ultrapassar a visão da simples memorização de grafemas e fonemas como algo solto e desarticulado, desprovido de significados, concepção essa que geralmente desconsidera a dimensão da interdisciplinaridade, excluindo a importância da apreensão de conteúdos de outras áreas de conhecimento, tais como, história, geografia, ciências, matemática, tão necessárias ao entendimento da realidade sócio-histórica e cultural da qual os alunos fazem parte.

As reflexões em torno da compreensão do conceito de “alfabetizado” têm sido amplamente efetivadas, ao longo da história do Projeto, e, por mais amplo que esse conceito possa ser, prevalece o entendimento de que os trabalhadores-alunos aprendam a ler, escrever textos²³ e adquiram o domínio das operações matemáticas e dos conteúdos de outras áreas afins, que possibilitem a ampliação e apreensão de seu conhecimento, assim como o exercício consciente de seu papel de cidadão, frente a uma postura mais crítica em relação ao mundo no qual se encontram inseridos.

²³ Sobre esta questão ver IRELAND, Vera Esther Jandir da Costa. "Alfabetização de adultos - ainda a questão do método". João Pessoa: mimeo, 1996. 24 p. (Texto revisado)

10 - INDICADORES QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS DO PROJETO (ÍNDICES DE APROVAÇÃO, EVASÃO E OUTROS)

A partir das colocações já expostas neste texto, acreditamos ter explicitado exemplos diversos de como a experiência do Projeto Escola Zé Peão tem procurado contribuir, *qualitativamente*, para a melhoria da qualidade de vida de seus alunos-operários, e, *quantitativamente*, para a redução dos índices de analfabetismo presentes na Indústria da Construção.

Incluimos os quadros a seguir, com o intuito de sintetizar alguns dados quantitativos significativos através dos quais se pode compreender melhor a atuação do Projeto Escola Zé Peão.

BREVE RESUMO HISTÓRICO DO PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO

ANO:	ALFABETIZADORES	ASSESSORES	EQUIPE DE COORDENADORES (AS)	CANTEIROS/ NÚMERO DE ALUNOS MATRICULADOS	AGÊNCIAS FINANCIADORAS
1990	Cláudia Costa Duarte (90/95), Erenildo João Carlos (90/95), Maria da Graças A. Bandeira (90/92), Maria Susana de V. Aguiar (90/91), Rosângela Lira da Silva (90/91), Rozenval de A.e Souza (90/91), Tânia Maria Melo (90/91). TOTAL: 7	<ul style="list-style-type: none"> • Antônio Carlos Ferreira Pinheiro • José Barbosa da Silva • Maria de Lourdes Barreto de Oliveira • Vera Esther J. da Costa Ireland • Wojciech Kulesza • Maria Cleide de carvalho Barros 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland 	<ul style="list-style-type: none"> • Ano de Fundação do Projeto. Não houve atividades nas salas de aulas. 	
1991	Adriana Valéria S. Diniz (91/95), Clévia Suyene de Souza (91/92), Dorgival Gonçalves Fernandes (91/92), Glória Tânia Queiroga (91/92), Maria das Graças L. Madeira (91/94), Verônica Lígia da Silva. TOTAL: 7	Idem	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland 	<ul style="list-style-type: none"> • Conscivel: 12 APL • Const. Estrela -Bancários: 21 • ENARQ – Geisel: 27 A/TST • ENARQ-Epitácio: 20 A/ APL • Grupo IV- Brisamar: 27 A/APL • Grupo IV- Brisamar: 19 A/TST • Grupo IV – Brisamar: 10 A • Gradiente-16 A • Holanda - :19 A • JVL - : 22 A 	<ul style="list-style-type: none"> • OXFAM • FNDE
1992	Vide nomes já citados nos quadros anteriores, acrescidos de: Maria José C. Barbosa, Risomar Alves dos Santos.	Vide nomes já citados nos quadros anteriores, acrescidos de: Neroaldo Pontes de Azevedo.	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland 	<ul style="list-style-type: none"> • Via Engenharia - : 20 A • Const. Estrela -: 18 A • PLANC - : 24 A • PLANC - : 34 A <ul style="list-style-type: none"> • MV Engenharia - : 20 A 	<ul style="list-style-type: none"> • OXFAM • FNDE
1993	Não houve atividades pedagógicas nos canteiros. Enfatizou-se o processo de sistematização da experiência. Seleção e		<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland 	<ul style="list-style-type: none"> • Não houve atividades nos canteiros de obra. O grupo da coordenação se dedicou ao trabalho de sistematização e 	<ul style="list-style-type: none"> • OXFAM • CAFOD

	<p>formação de novos alfabetizadores. Adeilde G. Leandro (93/95), Antônio Dias Filho (93/94), Antônio F. Lima Neto (93/94) , Éverton B. Correia (93/94), Kelly K. S. Barbosa (93/94), Maria Cristina de L. Cruz (93/94), Maria de Fátima Domingues (93/95), Raimundo C. Ferraz (93/94), Rita de Cássia R. Cavalcanti (93/95), Rosângela M. de A. Medeiros (93/94), Ruth Limeira F. dos Santos (93/95), Senyra M. Cavalcanti (93/95) Tereza Cristina N. Oliveira (93/94), Verônica Pessoa da Silva (93/95), Waldeci F. Chagas.</p>	Idem		reflexão da experiência.	
1994	<p>Ver equipe já mencionada no ano de 1993, acrescida de: Kézia Cortez da Silva (94/96), Ana Cláudia G. Tenório, Francisco Thadeu C. Neto (94/95), Manoel Andrade de M. Sobrinho, Maria de Lourdes F. Albuquerque.</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland • Cláudia Costa Duarte • Erenildo João Calos • Maria das Graças L. Madeira • Adriana Valéria dos Santos Diniz • Maria José Cândido Barbosa 	<ul style="list-style-type: none"> • Cond. Portinari (Jardim Luna) -16 A./APL/TST • Const. Beton (Manaíra) - 14 A./ APL • Const. Beton (Manaíra) -12 A./ TST • Cond. Meridien (Manaíra) - 17 A./APL • Cond. Meridien (Manaíra) - 14 A./TST • Const. DU BÚ (Manaíra) - 18 A.TST • Const. DU BÚ (Manaíra) - 18 A./APL • Cond. Riviera (Epitácio) - 19 A./TST • Cond. Riviera (Epitácio) - 19 A./APL • Const. CONSERPA () - 12 A./TST • Const. CONSERPA() - 12 A/APL • Const. HEMA (Manaíra) - 19 A./APL • Const. Beton (Altiplano) - 10A. /APL 	<ul style="list-style-type: none"> • OXFAM • CAFOD • MEB

				<ul style="list-style-type: none"> • Const. Beton (Altiplano) - • Const. EPC (• Const. WJE () - 20A./APL • Cond. Vila Del Sol -19A./APL 	
1995	Considerar dados das duas relações anteriores, assim como: Alessandra F. Nóbrega, Célia V. Bezerra, Alzira V. de Barros, Gislaine N. Chaves, Ana Andréia V. de castro, Maria José N. Moura Araújo.	<ul style="list-style-type: none"> • Erenildo João Carlos • Valda Generino da Silva • Maria das Dores Silva e Silva 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland • Maria José N. Moura Araújo • Cláudia Costa Duarte • Adriana Valéria dos Santos Diniz • Maria José Cândido Barbosa 	<ul style="list-style-type: none"> • Cond. Ilha da Restinga (Manaíra) – 14 A./TST • Cond. Hardman (Manaíra) - 21 A./TST • Cond. Hardman (Manaíra) - 22 A/APL • Cond. Beton (Manaíra) - 20. A/ APL • Cond. Beton (Altiplano) - 14 A. /APL • Cond. Portinari (Jardim Luna) - 16 A./TST • Const. Tadeu Pinto - 30 A./ APL • Const. Hema - 24 A./TST • Cond. Porto Viejo (Manaíra) -33 A./APL • Cond. Água Azul (Cabo Branco) - 17 A./TST 	<ul style="list-style-type: none"> • OXFAM • CAFOD • MEB
1996	Acrescentar aos dados já citados, os nomes de: Djair Silva, Creuza Maria da Silva Isaac (96/97), Francisco Assis da Silva (96/97), Gleyson R. A. de Melo, Ivanice T. de Medeiros (96/97), Lucineide C. Viana (96/97), Maria Ivonete de Almeida (96/97), Rosicleide Quirino do Nascimento.	<ul style="list-style-type: none"> • Erenildo João Carlos • Valda Generino da Silva • Bernardina Maria Juvenal Freire • Maria das Dores Silva e Silva 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland • Maria José N. Moura Araújo • Cláudia Costa Duarte • Verônica Pessoa da Silva 	<ul style="list-style-type: none"> • Const. Hema (Manaíra) - 18 A./TST • Const. PLANC (Manaíra) - 21 A./APL • Cond. Porto Imperial (Manaíra) - 22 A./TST • Cond. Água Azul (Manaíra) 30 A./TST • Const. CONSERPA (Intermares) 20 A./APL • Cond. Porto Viejo (Manaíra) - 21 A./APL • Const. Água Azul (Cabo Branco) 24 A./ APL • Hema (Manaíra) 10 A./ APL • Cond. Monte Olimpo (Manaíra) 21 A./APL 	<ul style="list-style-type: none"> • CAFOD • MEB • SINE • FNDE (PRAC)

				<ul style="list-style-type: none"> • Const. Beton (Altiplano) - 11 A./ TSt • Const. Porto Viejo (Manaíra) 16 A./TST • Cond. Acapluco (Manaíra) 18 A./TST 	
1997	Aos nomes já citados, acrescentar: Eduardo J. Lopes da Silva, Iêda de Oliveira Caminha, Ivana M. de Medeiros, Julieta V. de Medeiros, Maria de Lourdes F. de Albuquerque, Mariano V. da Silva. Raimundo C. Ferraz, Tatiane de C. da Silva	<ul style="list-style-type: none"> • Erenildo João Carlos • Valda Generino da Silva • Bernardina Maria Juvenal Freire • Maria das Dores Silva e Silva • Antônio Sales da Silva • João Batista Parente • José Barbosa da Silva 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland • Maria José N. Moura Araújo • Kézia Cortez da Silva • Verônica Pessoa da Silva 	<ul style="list-style-type: none"> • Cond. Mont Serrat (Intermares) - 30 A./APL • Cond. Mont Serrat (Intermares) - 19 A./TST • Const. Com. Luma (Cabo Branco) - 30 A./APL • Const. Com. Luma (Cabo Branco) - 31 A./TST • Cond. Andrômeda (Manaíra) - 24 A./TST • Cond. Andrômeda (Manaíra) - 31 A./APL • Const. CIGA (Intermares) - 33A./APL • Const. CIGA (Intermares) - 32A./TST • Cond. Val Paraíso (Bessa) - 15 A./TST • Cond. Val Paraíso (Bessa) - 22 A./APL • Cond. Porto Viejo (Manaíra) - 28 A./APL • Cond. Porto Viejo (Manaíra) - 27A./TST • Cond. Porto Imperial (Manaíra) - 22A./TST • Cond. Porto Imperial (Manaíra) - 21A./APL • GM Engenharia (Bairro dos Estados) - 16 A./TST • GM Engenharia (Bairro dos Estados) - 18 A./APL 	<ul style="list-style-type: none"> • CAFOD • MEB • SINE • UFPB/PRAC
1998	Lucineide C. Viana (96/98), Eduardo Jorge L. da Silva (97/98), Ivana Maria Medeiros de Lima (97/98), Josineide Galdino de	<ul style="list-style-type: none"> • Bernardina Maria Juvenal Freire • Maria das Dores Silva e Silva 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Marcelo de Lima • Timothy D. Ireland • Maria José N. 	<ul style="list-style-type: none"> • Const. Hema - 25 A/APL • Const. Hema - 18 A/TST • Const. Água Azul - 28/APL 	<ul style="list-style-type: none"> • CAFOD • MEB • SINE

	<p>Lima, Maria das Neves R. Marques, Maria do Carmo Aragão, Vilma R. Nascimento, Gilvamarque P. dos Santos, Geysa Flávia C. de Lima, Soraya Medeiros, Veruska C. de Araújo, Márcia de Lourdes M. de Oliveira, Lusimar Nobrega, Kátia L. de Souza Cruz, Patrícia F. C. Santos, Sílvio Carlos F. da Silva</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Erenildo João Carlos • José Barbosa da Silva 	<p>Moura Araújo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Kézia Cortez da Silva • Verônica Pessoa da Silva 	<ul style="list-style-type: none"> • Const. Água Azul - 15A/TST • Const. Luma - 17A/APL • Const. Luma - 19A/TST • Cond. Mont Serrat - 19A/APL • Cond. Mont Serrat - 31A/TST • Cond. Porto Viejo - 31 A/APL • Cond. Porto Viejo - 22 A/TST • Cond. Caladium - 32A/APL • Cond. Caladium - 28A/TST • Cond Porto Imperial - 19^A/ APL • Cond. Porto Imperial - 38^A/ TST • Cond. Val Paraíso - 31A/ APL • Cond. Val Paraíso - 20A/ TST 	<ul style="list-style-type: none"> • UFPB/PRAC
--	---	---	---	---	---

BREVE RESUMO HISTÓRICO QUANTITATIVO DO PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO

ANO	EQUIPE PEDAGÓGICA				CANTEIROS	MAT INICIAL (APL)
	PROFESSORES (QT)	COORDENADORE S (QT)	ASSESSORES (QT)	TOTAL		
1990	• 7 professores	• 2 coordenadores (gerais)	• 6 assessores	15 pessoas	• Não houve atividades nos canteiros de obra	
1991	• 6 professores	• 2 coordenadores (gerais)	• 6 assessores	• 14 pessoas	Construtoras: Gradiente - Grupo 4 -JVL - Estrela - Holanda - Enarq - Adelaide - Conscível	157 Alunos
1992	• 8 professores	• 2 coordenadores (gerais)	• 7 assessores	17 pessoas	Construtoras: Estrela - Conscível - PLANC - Via Engenharia - Grupo 4	79 Alunos
1993	• 15 professores	• 2 coordenadores (gerais)	• 7 assessores	24 pessoas	• Não houve atividades pedagógicas nos canteiros. Enfatizou-se o processo de sistematização da experiência. Seleção e formação de novos alfabetizadores	
1994	• 15 professores	• 2 coordenadores (gerais) • 5 coordenadores (pedagógicos)	• 6 assessores	28 pessoas	• Construtoras: Portinari - Beton - Meridien - DUBÚ - Riviera - CONSERPA - HEMA - EPC - WJE - Vila Del Sol	179 Alunos
1995	• 10 professores	• idem	• 3 assessores	20 pessoas	• Construtoras: Cond. Ilha da Restinga - Hardman, Beton (Manaira), Beton (Altiplano) - Portinari - Tadeu Pinto - Hema - Porto Viejo - Água Azul	110 Alunos
1996	• 16 professores	• 2 coordenadores (gerais) • 3	• 4 assessores	25 pessoas	• Construtoras: Hema - PLANC - Porto Imperial - Água Azul - CONSERPA - Porto Viejo - Água Azul - Monte Olimpo -	107 Alunos

		coordenadoras (pedagógicas)			Beton - Acapulco	
1997	• 16 professores	• Idem	• 6 assessores	27 pessoas	• Construtoras: Mont Serrat - Luma - Andrômeda - CIGA - Val Paraíso - Porto Viejo - Porto Imperial - GM Engenharia	213 Alunos
1998	• 16 Professores	• Idem	• 3 assessores	24 pessoas	• Construtoras: Água Azul - Hema - Calladium - Val Paraíso - Porto Viejo - Porto Imperial - LUMA - Mont Serrat	232 Alunos

Dos quadros acima, destacamos quatro elementos. Em primeiro lugar, o fato de o Projeto vir conseguindo manter suas atividades educativas desde 1990 - somente em 1993 o grupo teve que suspender as atividades de sala de aula, por falta absoluta de recursos financeiros - fato pouco comum em se tratando de projetos dessa natureza, geralmente caracterizados pela falta de continuidade. Em segundo lugar, apontamos o número de alunos alcançados pelo projeto nos últimos oito anos - 1.818. Evidentemente, nem todos conseguiram permanecer durante os nove meses do ano letivo; os fatores rotatividade e demissão tiram muitos deles da escola. Em terceiro lugar, enfatizamos o número de professores-alfabetizadores formados pelo projeto - um total de 70 - muitos dos quais continuam atuando no campo da Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, a chefe da Coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos e a Diretora do Centro de Capacitação de Professores da Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC) do Município de João Pessoa são ex-professoras e coordenadoras do projeto. Várias professoras e professores assumiram papéis de destaque na coordenação da escola após terem atuado em sala de aula. E, em quarto lugar, destacamos a abrangência do projeto. Desde sua fundação, salas-de-aula foram localizadas em 38 canteiros-de-obras diferentes. Vale observar que o número de canteiros atingidos tem crescido significativamente se consideramos o fato de que, só nos últimos dois anos do projeto (1997 e 1998), constata-se a existência de 16 salas de aula, distribuídas em oito canteiros e freqüentadas por alunos-operários de 34 firmas construtoras, em 1997, e de 32, em 1998.

INDICADORES QUALITATIVOS: algumas reflexões

No plano qualitativo, a prática avaliativa do Projeto tem apontado elementos positivos e negativos em relação às atividades da Escola como um todo. Talvez um dos desafios mais sérios comuns à grande maioria das práticas educativas com jovens e adultos é o da evasão. No Projeto Escola Zé Peão identificamos duas categorias de evasão - *evasão formal* e *evasão real*. No primeiro caso - o da evasão formal -, a saída do aluno da escola é motivada por fatores externos à escola, como, por exemplo: demissão, transferência e rotatividade - características bastante significativas da indústria da construção. No segundo caso - o da evasão real -, a saída do aluno da escola é motivada por fatores, como: serão, cansaço, concorrência com outras formas de lazer - dominó e baralho, televisão ou rádio, cachaça e namoro bem como por elementos inerentes ao próprio Projeto, diretamente relacionados ao fazer pedagógico, que incluem dificuldades típicas do processo de ensino-aprendizagem.

Na tentativa de diminuir o índice de evasão escolar, o Projeto tem desenvolvido uma série de medidas. De um lado, a preocupação constante com a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, que se reflete nos processos de formação, de avaliação, de elaboração e de busca de materiais didáticos adequado para o aluno trabalhador adulto. Deve-se, igualmente, ressaltar o fato de que a prática continua mostrando a importância de um aprofundamento constante, por parte da equipe pedagógica, de sua compreensão sobre a realidade em que o projeto se desenvolve. De outro lado, a evidência sugere que três medidas implementadas pelo projeto, nos últimos dois anos, têm surtido um efeito positivo. A política de ‘aglutinação’ - uma sala de aula localizada num canteiro-de-obras pode também abrigar operários empregados em canteiros vizinhos -, e a distribuição de vales-transporte entre aqueles operários que precisam se deslocar para assistir aula tem facilitado a continuidade do acesso do operário à escola. Aliada a essa política, não há dúvida de que a possibilidade de o aluno adquirir a carteira de estudante bem como a distribuição de um vale-alimentação, em vez de merenda, têm servido de estímulo à

permanência do aluno na escola. Evidentemente, os efeitos dessas medidas estão sujeitos a constantes avaliações e estudos.

Os seguintes dados relativos à matrícula inicial e final do Projeto e os motivos de evasão, no ano de 1997, indicam um nível significativo de estabilidade no que se refere à frequência dos alunos:

MATRÍCULA INICIAL	MATRÍCULA FINAL	N.º CONCLUINTES	EVASÃO
320 Alunos	431 Alunos	211 Alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Evasão: 89 Demissões - 33 Alunos Falecimento - 1 Aluno Desistência - 35 Alunos Transferência - 20 Alunos

Os dados referentes aos primeiros dois meses de 1998 apontam para a continuação dessa tendência.

Mesmo tendo o desafio da evasão sempre presente, o processo de avaliação contínua que se adota - através de reuniões mensais com alunos-representantes de cada sala de aula, de encontros semestrais de avaliação com todos os alunos da escola, e também com a equipe pedagógica - tem revelado significativos ganhos escolares, no tocante à aprendizagem, mesmo em relação àqueles que não puderam permanecer na escola.

Se a escolarização do operário é considerada de fundamental importância, a contribuição dos operários para o crescimento e o fortalecimento da organização democrática do sindicato também é um indicador qualitativo importante para a avaliação do trabalho. Embora não seja possível afirmar que a escola é a única responsável por certas mudanças, existem indicações de que ela criou um campo fértil em que a discussão de novas idéias se tornou mais factível. A participação nas assembleias sindicais aumentou significativamente (nas últimas quatro assembleias de 1996, por exemplo, participaram em média 432 operários, enquanto, em 1990, a média era de 194).

Igualmente, é mais comum os operários fazerem demandas em defesa de seus direitos no seu canteiro de obra, sem depender da intervenção da direção do sindicato. Vários alunos e ex-alunos da escola já fazem parte da direção sindical.

Dentro da escola, há cada vez mais interesse, por parte dos alunos, em participar do conselho de representantes de cada sala de aula, que se reúne uma vez por mês para discutir assuntos da escola.

Por último, houve uma importante inversão de papéis com relação aos primeiros anos do projeto: iniciada como uma provocação da direção do sindicato à categoria, a escola se tornou objeto de uma demanda ativamente articulada pelos operários.²⁴

Para finalizar, consideramos o interesse e a procura que a Escola tem gerado - em nível local, regional, nacional e internacional - um indicador qualitativo positivo que pesa em favor do trabalho educativo desenvolvido pelo projeto. A Escola tem recebido um grande número de visitas e de estagiários interessados em conhecê-la de perto; também tem sido convidada a apresentar a experiência em seminários, encontros e para outros grupos. A coordenação tem prestado assessoria a várias outras organizações e movimentos. Ficamos honrados pela inclusão, no relatório da UNESCO - publicado em Paris e intitulado *Educación de Adultos en un Mundo em Vías de Polarización* - do Projeto Escola Zé Peão entre as 4 experiências consideradas inovadoras no tocante à alfabetização e educação básica de adultos trabalhadores.²⁵

²⁴ Ireland, Timothy D. (1996) “Escola Zé Peão: uma prática educativa com operários da construção em João Pessoa”, in RAAAB *Alfabetização e Cidadania*, No. 4, São Paulo.

²⁵ UNESCO (1997) *Educación de Adultos en un Mundo em Vías de Polarización*, UNESCO: Paris. p. 34, Recuadro E. (ver Anexos)

11 - CAPACITAÇÃO E APOIO TÉCNICO AOS EDUCADORES

1. Processo de seleção dos professores - alfabetizadores

Até o ano de 1997, o processo de seleção dos professores-alfabetizadores do Projeto Escola Zé Peão precedia o processo inicial de formação, realizado antes do início do ano letivo. Para se inscrever no processo de seleção, o candidato tinha que se enquadrar nos seguintes critérios:

- Estar cursando a graduação em uma das seguintes áreas: Pedagogia, Letras, Matemática, História ou Geografia.
- Estar regularmente matriculado em quaisquer um dos cursos de graduação, acima mencionados, e estar cursando entre o terceiro e o sexto períodos.
- Possuir coeficiente de rendimento escolar (CRE) igual ou superior a 7,0.
- Demonstrar estar comprometido com o desenvolvimento de um trabalho educativo com adultos trabalhadores.

O processo de seleção era realizado com base nos seguintes instrumentos: análise do curriculum vitae, uma prova escrita e uma entrevista.

Neste ano de 1998, decidimos manter os mesmos critérios para a inscrição de alunos no processo de seleção, sendo que, dessa vez, todos os candidatos participaram do período inicial de formação durante quatro semanas. Ao longo desse curso, foram avaliados em relação ao seu desempenho, interesse, assiduidade e participação em todas as atividades do curso: visitas, oficinas, trabalho de grupo, estudo individual, leitura e fichamento de textos, preparação de relatórios de observação e de avaliação. No final do período inicial de formação houve uma entrevista individual com cada um dos candidatos, dentre os quais foram posteriormente selecionados os professores para participar do projeto. Os candidatos escolhidos se comprometeram a dedicar 20 horas semanais ao trabalho da Escola, distribuídas entre atividades de sala de aula (08 horas semanais),

planejamento e preparação de docência e estudo individual (12 horas semanais) e participação das reuniões pedagógicas e administrativas da Escola (02 horas semanais). Em compensação, cada professor selecionado recebeu uma bolsa de R\$220,00 e uma ajuda para os custos de transporte de R\$30,00.

2. O processo de formação:

A formação de professores alfabetizadores é entendida como um processo contínuo, que abrange não só o período de formação inicial - antes do ingresso em sala de aula – mas também o trabalho de acompanhamento pedagógico de que participa o professor durante toda a sua permanência no Projeto. Essa formação toma como ponto de partida os sujeitos do processo educativo, os operários da indústria da construção - e o contexto em que estão inseridos como trabalhadores, cidadãos, e seres humanos - e visa a instrumentalizar o futuro professor, ou seja, prepará-lo para “alfabetizar trabalhadores da construção civil, a partir do entendimento da alfabetização como um processo que possibilita a ampliação e o aprofundamento de sua compreensão da realidade social, por meio da aquisição da linguagem, da matemática e dos conhecimentos gerais, tendo em vista instrumentalizar esses trabalhadores para lhes possibilitar a reivindicação de seus direitos de trabalhadores e cidadãos e sua qualificação profissional”. (Veja 3. A - Objetivos Gerais)

Assim, o curso inicial tem como objetivo proporcionar uma formação que articula teoria e prática, através de visitas, encontros, oficinas, estudos e discussões em torno dos seguintes temas: o operário da construção, a indústria da construção, o sindicato dos operários da construção, o projeto como uma prática escolar, o processo de alfabetização de adultos trabalhadores, planejamento e avaliação do trabalho pedagógico, o lugar da sistematização na prática do educador. Os professores também participam de oficinas, que têm por objetivo familiarizá-los com os programas de apoio - a oficina de arte, o Varanda Vídeo e a Biblioteca Volante - e com a contribuição prestada por esses

programas ao processo de alfabetização. Anexamos cópias dos programas de formação inicial elaborados para 1997 e 1998.

Após o período de formação inicial, as equipes de coordenação e de assessoria do Projeto acompanham os professores e com eles trabalham utilizando os recursos abaixo descritos:

- a. **Visitas pedagógicas:** os coordenadores e assessores fazem visitas aos professores em sala de aula e, posteriormente, com eles discutem sua avaliação do processo;
- b. **Oficinas:** durante o ano, a coordenação organiza uma série de oficinas destinadas especificamente aos professores (vide, em anexo, o cronograma do ano de 1998, do qual consta o programa de oficinas planejadas para este ano);
- c. **Discussões individuais ou coletivas** com membros da coordenação: os coordenadores mantêm horários de atendimento na sala do projeto durante a semana, nos dois expedientes;
- d. **Participação em seminários/eventos** organizados por outras instituições;
- e. **Reuniões semanais** (às sextas-feiras) durante as quais são discutidas e aprofundadas questões referentes à prática educativa do projeto;
- f. **Ficha de acompanhamento** (cópia em anexo), preenchida semanalmente pelo professor, com vistas à sistematização e análise de sua prática. A ficha é lida pelos coordenadores e discutida com cada professor;
- g. **Assembléias do sindicato:** a participação nas assembléias do sindicato é considerada parte importante da formação do professor por lhe possibilitar uma melhor compreensão da dimensão política da prática educativa;
- h. **Reuniões periódicas da equipe pedagógica de avaliação** e reuniões semestrais de avaliação, envolvendo coordenação, professor e aluno.

Com a adoção desse conjunto de procedimentos, pretende-se contribuir para a formação de professores alfabetizadores capacitados técnica e politicamente para o difícil trabalho de alfabetização com adultos trabalhadores.

12 - AÇÕES SUPLEMENTARES DE APOIO AOS ALUNOS

Entre as ações suplementares de apoio aos alunos, destacamos as seguintes:

1. Distribuição gratuita de livros -texto e material escolar a todos os alunos;
2. Distribuição de *tickets*-alimentação (em vez de merenda) aos alunos, observando critérios previamente discutidos com os alunos e professores da Escola;
3. Distribuição de vales-transporte aos alunos que freqüentam a Escola, mas não moram no canteiro-de-obras²⁶;
4. Distribuição de vales-transporte aos alunos que estudam numa sala de aula situada fora do canteiro-de-obras em que trabalha;
5. Fornecimento de vales-transporte aos alunos para viabilizar sua participação em quaisquer atividades culturais que exijam seu deslocamento;
6. Dispensa do serão, quando houver;
7. Conquista, por parte dos alunos, do direito à carteira de estudante;
8. Fornecimento, pelo Sindicato da categoria, de consultas a oculistas;
9. Acesso à Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (direito à carteira de usuário, tendo em vista sua condição de estudantes de curso de extensão).

²⁶ Veja o item 15 deste relatório - “Políticas de incentivo à continuidade de estudos” - para uma explicação da necessidade de distribuir vales-transporte dentro da política de nuclearização da escola.

13 - ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO, ESCOLA E CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL, TEORIA E PRÁTICA

1. Educação e trabalho:

Em primeiro lugar, destacamos o fato de o Projeto ser desenvolvido, conjuntamente, pelo Sindicato dos **Trabalhadores** nas Indústrias da Construção e do Mobiliário e pela Universidade Federal da Paraíba, no local de trabalho do aluno, ou seja, o próprio canteiro-de-obras. Conforme consta no projeto elaborado em 1993, “esta decisão (de levar a escola ao local de trabalho) levou a equipe a reafirmar, com maior clareza, a relação postulada entre escola e trabalho produtivo. Do ponto de vista da Escola Zé Peão, seu objetivo específico seria trabalhar o saber escolar, isto é, o saber veiculado pela instituição escola - cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado - e não qualquer tipo de saber. Por outro lado, a Escola Zé Peão tinha, desde sua origem, o compromisso de atentar para a especificidade do mundo dos trabalhadores da indústria da construção civil.”²⁷ Assim, a indústria da construção tornou-se a realidade a exigir o exercício da reflexão, da re-elaboração de conhecimentos e da aquisição de novas formas de linguagens sociais.

Os conteúdos de linguagem, matemática e estudos sociais levantam, para discussão, questões de relevância para o trabalho da construção e para a vida do operário. Consideramos o processo de alfabetização uma parte integrante do processo de qualificação profissional e reconhecemos que, na nova conjuntura econômica internacional, há uma tendência cada vez mais exacerbada de não empregar operários sem um mínimo de escolarização formal.

²⁷ Projeto Escola Zé Peão, João Pessoa, março de 1993. (mimeo)

2. Escola e contexto sócio-cultural

Por um lado, a localização da escola no próprio canteiro-de-obras ajuda a criar um certo nível de afinidade e interação entre a escola e o contexto sócio-cultural do operário. Esta relação é trabalhada através do próprio material didático utilizado na escola (ver o item “Metodologia”). Por outro lado, o projeto não deseja criar um escola-gueto em que escola e alunos da escola só se relacionam entre si numa relação pouco saudável e até incestuosa. O programa de atividades culturais (assim como as próprias atividades escolares) possibilita ao operário-aluno sair do mundo do trabalho para investigar outras dimensões sócio-culturais da vida - o patrimônio histórico da cidade, teatro, cinema, circo, outras manifestações artísticas, biblioteca - e também lhe possibilita expressar sua cultura através de poesia, música, e artes plásticas. Assim a Escola busca valorizar o próprio contexto sócio-cultural dos alunos e cria oportunidades para o operário experimentar outros contextos sócio-culturais aos quais não teve acesso antes.

3. Teoria e prática:

Evidentemente, como em qualquer projeto desta natureza, existe uma distância entre a teoria que fundamenta a prática educativa e sua concretização na realidade da escola. O grande desafio é enfrentar, e não esconder, esta distância entre o real e o desejado e buscar compreender quais são os fatores, os impedimentos, os limites que dificultam a implantação da proposta teórica na forma em que a concebemos.

A interação entre teoria e prática permeia o processo de formação dos professores. Após a fase inicial - antes de seu ingresso em sala de aula - a formação do professor continua se desenvolvendo paralelamente a sua atuação em sala de aula. É neste sentido que se enfatiza a importância, para o professor, do desenvolvimento de uma reflexão sobre sua própria prática pedagógica, em relação a qual o processo de sistematização exerce um papel central. A ficha de acompanhamento assim como as discussões individuais e de grupo, se constituem em recursos elaboradas para facilitar esse processo

que envolve coordenadoras e professores. Procura-se tornar o professor sensível às necessidades de aprendizagem dos operários-alunos da escola.

A prática educativa desenvolvida na Escola procura levar em consideração o atendimento às necessidades de aprendizagem e aos interesses do aluno. Nesse sentido, toma como ponto de partida o conhecimento do aluno, sua experiência de vida e sua própria reflexão sobre aquela experiência. Assim, procuramos partir da experiência para uma reflexão crítica sobre essa mesma experiência tendo em vista, novamente, sua aplicação na vida do aluno como cidadão, trabalhador, sujeito coletivo e ser humano.

14 - ARTICULAÇÃO COM OUTRAS INSTITUIÇÕES

O Projeto Escola Zé Peão considera o processo de articulação e intercâmbio com outras instituições de suma importância para o desenvolvimento e a divulgação do trabalho realizado. A política desenvolvida nos últimos anos tem envolvido os seguintes processos e formas de articulação:

- a) Sindicato - Universidade: a assinatura de um convênio formal de intercâmbio e apoio técnico em fevereiro de 1995;
- b) MEB: o Projeto foi convidado pelo MEB para participar do Programa Alfabetização em Parceria. No primeiro ano coordenou o Pólo I (Nordeste) do referido programa. Continua participando ativamente em todas as atividades do Pólo e do Programa maior;
- c) SESI: através de um acordo entre o Projeto e o SESI, a Escola montou uma sala de aula do Telecurso 2000, na sede do Sindicato, com o apoio do SESI e, em troca, oferece vagas nos seus cursos de formação para os monitores do SESI;
- d) Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC) do Município de João Pessoa: membros da coordenação participam ativamente tanto como assessores junto à Coordenadoria de Educação de Jovens e Adultos como nos cursos de formação dos educadores de adultos do Município;
- e) Livros-texto: **Aprendendo com o trabalho** e **Benedito: homem da construção** (cópias em anexo) foram adotados pela SEDEC, como apoio ao trabalho de alfabetização de jovens e adultos nas escolas municipais. Os mesmos livros são utilizados por vários outros projetos e programas de EJA;
- f) O Projeto participa da Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB): sediará a próxima reunião anual da Rede em novembro/dezembro de 1998;

- g) Coordenadores e professores do Projeto oferecem oficinas e assessoria para outras organizações, no Estado da Paraíba, entre as quais o Movimento dos Sem Terra (MST);
- h) O Projeto recebe um crescente número de ‘estagiárias’/visitas de outras organizações interessadas em aprender com a experiência da Escola;
- i) Semestralmente, alunos do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPB, desenvolvem estágio na Escola Zé Peão;
- j) Através de participação em eventos nacionais e internacionais, o Projeto tem se articulado com um grande número de grupos governamentais e não-governamentais; o referido Projeto se fez representar na *V Conferência Internacional de Educação de Adultos*, realizada pela UNESCO, em Hamburgo, Alemanha, em julho de 1997.

15 - POLÍTICAS DE INCENTIVO À CONTINUIDADE DE ESTUDOS

Desde o primeiro ano de sua existência, o Projeto tem se preocupado com a importância de incentivar os alunos da Escola a continuarem os seus estudos. Essa preocupação tem se expressado por intermédio das seguintes formas concretas:

1. A criação, já no primeiro ano, 1991, do **Programa Tijolo sobre Tijolo, destinado aos operários-alunos com domínio mínimo da lecto-escrita;**
2. Estabelecimento de um acordo com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEDEC) de João Pessoa, com base no qual os alunos mais avançados podem freqüentar a 4ª série noturna de uma escola, localizada no bairro do Bessa, onde se situam várias das salas de aula do Projeto;
3. A instalação de uma sala de aula do Programa Telecurso 2000, com o apoio do SESI, para os diretores do Sindicato e outros antigos alunos da escola, na sede do referido Sindicato.
4. A política de ‘nuclearização’, com relação às salas de aula - baseada na qual a escolha da localização de uma sala num canteiro deve levar em conta também a proximidade em relação a outros canteiros existentes na vizinhança -, facilita a permanência de operários na Escola, mesmo quando o fator rotatividade faz com que sejam deslocados do um canteiro onde há uma sala da Escola. Esta política facilita o acesso do operário à Escola e vem sendo reforçada pela distribuição de vales-transporte aos operários que querem continuar seus estudos, mas precisam se deslocar para ter acesso à Escola.

É importante registrar outros fatores que terminam pesando na decisão do operário de continuar os seus estudos:

1. Um dos efeitos das mudanças operadas na conjuntura mundial que encontra expressão na indústria da construção é a pressão do mercado para que sejam admitidos/contratados operários escolarizados. Existe um número crescente de empresas

construtoras em João Pessoa que, ou não empregam mais operários analfabetos ou os empregam sob a condição de que o operário freqüente uma escola (seja a Escola Zé Peão ou do SESI). Conseqüentemente, um número maior de empresas começa a solicitar salas de aula para os seus canteiros.

2. Por parte dos operários, existe um reconhecimento cada vez mais amplo da importância da Escola tanto em termos profissionais como pessoais. A Escola que no início se caracterizava mais como uma provocação da direção do Sindicato à categoria, agora se tornou uma demanda ativamente articulada e procurada pelos operários. Em muitos casos, por exemplo, são os operários que elaboram uma lista de trabalhadores, num dado canteiro, interessados em estudar e a levam para o Sindicato.

Reconhecemos a necessidade de encontrar outras formas de incentivar os alunos mais avançados da Escola a continuarem os seus estudos nas redes municipal e estadual de ensino. O projeto tem clareza em relação à natureza limitada de sua contribuição à educação do operário da construção e, por isso, nunca teve como proposta substituir o sistema formal de ensino: muito pelo contrário, considera que cabe ao Estado oferecer oportunidades de escolarização e formação ampla a todos os cidadãos que a elas não tiveram acesso na idade considerada normal.

ANEXOS

ANEXOS

Índice:	<i>página</i>
Calendário de 1998	71
Cronograma de 1998	76
Curso de Formação dos Professores/98	77
Bibliografia/98	81
Curso de Formação dos Professores/97	84
Bibliografia/97	87
Roteiro de observação	90
Ficha de acompanhamento	91
Ficha de frequência	92
Ficha de frequência mensal	93
Oficina de Arte	94
Avaliação dos conteúdos	95
Avaliação do processo	95
Produção dos alunos	98
Atividades da Área de Matemática	
Atividades da Área de Linguagem	

PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO 1998
CALENDÁRIO ANUAL

FEVE					
REIRO					
S	T	Q	I	X	CARGA HORÁRIA
09	10	11	12	13	Curso de Seleção e Formação dos Alfabetizadores: Fevereiro/Março
16	17	18	19	20	Dias de Atividades: 10
					Horas Aulas: 20
23	24	25	26	27	FERIADOS: Dias: 23/24/25 - Carnaval

MAR					
ÇO					
S	T	Q	I	X	CARGA HORÁRIA
02	03	04	05	06	Encerramento do Curso de Formação: 13/03/98 Início das Aulas 16/03/98
09	10	11	12	13	Dias Letivos 20
16	17	18	19		Horas Aulas 40
23	24	25	26		
30	31	-	-	-	

ABRIL				
S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
-	-	01	02	Dias Letivos 16
06	0	08	09	Horas Aulas 32
13	1	15	16	FERIADOS:
20	2	22	23	
27	2	29	30	Dia: 21/04/98 - Tiradentes

MAIO				
S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
04	0	05	07	Dias Letivos 16
11	1	13	14	Horas Aulas 32
18	1	20	21	
25	2	27	28	

JUNHO				
S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
01	0	03	04	Dias Letivos: 12
08	0	10	11	Hora Aula: 24
15	1	17	18	* Recesso/PROPOSTA: 22 a 02/07/98
22	2	24	25	
29	3		—	

JULHO				
S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
—	—	01	02	Término do Recesso: 02/07/98
06	0	08	09	
13	7	15	16	Dias Letivos: 16
20	4	22	23	Horas Aulas: 32
27	1	29	30	
	2			
	8			

AGOSTO				
S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
03	0	05	06	Dias Letivos: 16
10	4	12	13	Hora Aula: 32
17	1	19	20	FERIADOS:
24	8	26	27	Dia: 05/08/97
31	5			

SETEMBR				
S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
—	0	02	03	Dias Letivos: 17
07	1	09	10	Hora Aula: 34
	8			

14	1	18	19	
	7			
21	2	23	24	FERIADOS:
	2			

OUTUBRO

S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
05	0 6	07	08	Dias Letivos: 16
12	1 3	14	15	Hora Aula: 32
19	2 0	21	22	
26	2 7	28	29	

NOVEMBRO

S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
02	0 3	04	05	Dias Letivos: 16
09	1 0	11	12	Horas Aulas: 32
16	1 7	18	19	
23	2 4	25	26	FERIADOS:
30				Dia: 02/11/98 - Finados

DEZEMBRO

S	T	Q	I	CARGA HORÁRIA
—	0 1	02	03	Dias Letivos: 11
07	0 8	09	10	Horas Aulas: 22
14	1 5	16	17	

			Dia: 17/12/98 - Encerramento do Ano Letivo de 1998.
--	--	--	---

CRONOGRAMA do ano de 1998:

ATIVIDADES	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
• Seleção e formação de novos alfabetizadores	X										
• Matrícula dos alunos nos canteiros		X									
• Início das aulas		X									
• Solenidade de abertura do ano letivo		X									
• Visita da coordenação às salas			X								
• Reunião do conselho de representantes				X	X	X	X	X	X	X	X
• Curso de formação do MEB para os coordenadores - I Módulo			X			X			X		
• Oficina de arte com os professores		X		X			X		X		
• Atividade cultural		X			X			X			X
• Oficina da biblioteca volante		X		X			X		X		
• Visita pedagógica				X		X		X		X	
• Oficina pedagógica (Mat/Ling.)		X	X		X			X			X
• Encontro de formação/Estudo da proposta curricular - MEB/Ação Educativa							X				
• Avaliação dos conteúdos trabalhados na área da linguagem e da matemática						X					
• Avaliação do período letivo com toda equipe do Projeto											X
• Atividade de											X

encerramento do ano letivo											
----------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

**SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO**

SELEÇÃO E FORMAÇÃO DOS (AS) ALFABETIZADORES (AS) 1998

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

1ª SEMANA: 09 a 13/02/98

TEMA: Conhecendo a gênese do Projeto Escola Zé Peão

- **Segunda-Feira (09/02/98) - Horário: noite**

Apresentação da equipe do Projeto e da proposta de trabalho

Esclarecimento dos critérios de seleção do curso

Exibição do vídeo “Construindo um mundo escrito”

- **Terça-Feira (10/02/98) - Horário: manhã/tarde -**

Visita ao Sindicato

1º Grupo (09 às 11h) - 2º Grupo (14 às 16 h)

Leitura, fichamento e discussão do texto: “O que é Sindicalismo”

Participação: Paulo Marcelo/Santana

- **Quarta-Feira (11/02/98) - Horário: manhã/tarde/**

Visita aos canteiros de obras

1º Grupo - manhã (09 às 11h) 2º Grupo - tarde (14 às 16 h)

OBS: À noite não terá atividade coletiva. O espaço será destinado à elaboração do relatório de visita aos canteiros.

- **Quinta-Feira (12/02/98) - Horário: noite**

Leitura do texto: “Escola Zé Peão: uma prática educativa com operários da construção civil”.

Fichamento do texto: “As bases sociais do Projeto Escola Zé Peão”.

Discussão e debate sobre os pontos relevantes dos textos em questão.

Entrega do relatório de visita

Participação: Timothy D. Ireland

- **Sexta-Feira (13/02/98) - Horário: noite**

Estudo dirigido do texto: “Alfabetização e cidadania”

Retorno dos relatórios

Avaliação dos trabalhos da semana

2º SEMANA: de 16 à 20/02/98

TEMA: Conhecendo os suportes teórico-metodológicos da área da linguagem

- **Segunda-Feira (16/02/98)**

Estudo dirigido do texto: Alfabetização e Cidadania

Discussão sobre o perfil do educador popular

Construção coletiva do perfil do educador do Projeto Escola Zé Peão

Participação: Maria José, Kézia, Bernardina e Verônica

- **Terça-Feira (17/02/98)**

Texto para fichar: “Ampliando a noção de texto”

Oficina Pedagógica: Trabalhando com a diversidade de textos

Participação: Kézia, Verônica e Maria José

- **Quarta-Feira (18/02/98)**

Oficina Pedagógica: A biblioteca volante: subsídios para o trabalho da linguagem

Participação: Prof. Bernardina Freire

- **Quinta-Feira (19/02/98)**

Fichamento do texto: “O lugar do sentido na pedagogia do Projeto Zé Peão: a prática do ler e do escrever”.

Discussão e aprofundamento do texto

Participação: Prof. Maria de Lourdes Barreto

- **Sexta-Feira (20/02/98)**

O vídeo: um recurso didático em sala de aula

Participação: Prof. José Barbosa da Silva
Avaliação dos trabalhos realizados na semana
Entrega dos fichamentos

3ª Semana: de 02 à 06/03/98

TEMA: O lugar da Matemática e da Arte-educação no Projeto Escola Zé Peão.

• **Segunda-Feira (02/03/98) - Horário: noite**

1º Grupo: Oficina pedagógica de matemática:

2º Grupo: Oficina pedagógica de arte-educação

Coordenação: Prof. Erenildo (Matemática)

Maria dos Mares (Oficina de Arte)

• **Terça-Feira (03/03/98) - Horário: noite**

1º Grupo: Oficina pedagógica de arte educação

2º Grupo: Oficina pedagógica de matemática:

Coordenação: Prof. Erenildo

Maria dos Mares (Arte-educação)

• **Quarta-Feira (04/03/98) - Horário: noite**

Trabalhando os conteúdos matemáticos

- Breve histórico da matemática

- Refletindo sobre a utilização do ábaco

- O trabalho com as quatro operações

Coordenação: Erenildo, Kézia, Verônica e Maria José

• **Quinta-Feira (05/03/98) - Horário: noite**

Texto para ler: “Ciência e Matemática” - TEK

Texto para fichar: “Esquema de Orientação Metodológica do Projeto Escola Zé Peão e o Ensino da Matemática” - Erenildo Carlos

Discussão e reflexão abordando os pontos relevantes dos mesmos.

Participação: Prof. Erenildo João Carlos

- **Sexta-Feira (06/03/98) - Horário: noite**

Elaboração do planejamento por programa (primeira semana)

Avaliação dos trabalhos realizados na semana

4º Semana: de 09 à 13/03/98

TEMA: Avaliação final e seleção dos candidatos, planejamento e matrículas nos canteiros.

- **Segunda-Feira (09/03/98) - Horário: tarde/noite**

Entrevistas com os candidatos (tarde).

Entrega dos certificados de participação do curso

Avaliação final da coordenação (noite)

- **Terça-Feira (10/03/98) - Horário: noite**

Divulgação do resultado da seleção - manhã (a partir das 10 h)

Seleção dos canteiros e seus respectivos educadores(as)

Distribuição do material e encaminhamentos para matrícula dos alunos

- **Quarta-Feira (11/03/98) - Horário: noite**

Matrícula nos canteiros

- **Quinta-Feira (12/03/98) - Horário: noite**

Matrícula nos canteiros

Breve esboço avaliativo do perfil das turmas

- **Sexta-Feira (13/03/98) - Horário: noite**

Planejamento para atuação dos dois programas na mesma sala

1ª semana: Linguagem e Matemática

Distribuição do material para os professores

**SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO**

FORMAÇÃO E SELEÇÃO DOS ALFABETIZADORES 1998

BIBLIOGRAFIA BÁSICA E COMPLEMENTAR

ANTUNES, Ricardo C. **O que é Sindicalismo**, São Paulo: Brasiliense, 1984 .

BICHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática : Opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é Método Paulo Freire**, Brasiliense: São Paulo, 1985.

CARLOS, Erenildo João. *Esquema Orientação Metodológica do Projeto Escola Zé Peão e o Ensino da Matemática*. João Pessoa, mimeo, 1998.

_____. *Princípios metodológicos do Projeto Escola Zé Peão e o ensino da matemática*. João Pessoa, mimeo, 1998.

DUARTE, Newton . **O Ensino de Matemática na Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Ensino da Matemática na Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.

_____. **Alfabetização em Processo**, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

_____. *A Representação da linguagem e o processo de Alfabetização* In **Cadernos de Pesquisa**, nº . 52, fev/85.

_____. **Os Filhos do Analfabetismo**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez/INEP, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**, São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1989.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Pedagogia da Esperança :um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra , 1996.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Alfabetização dos Alunos das Classes Populares**. São Paulo: Cortez, 1992.

GIL NETO, Antônio . **A Produção de Textos na Escola**. São Paulo: Loyola , 1992.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

GROSSI , Esther Pillar. **Didática do Nível Pré-Silábico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Didática do Nível Silábico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Didática do Nível Alfabético**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1995.

IRELAND, Timothy D. **As bases sociais do Projeto Escolar nos canteiros - a indústria da construção civil, sua força de trabalho e a luta do Sindicato dos trabalhadores dessa indústria**. João Pessoa: mimeo, 1996.

_____. *Escola Zé Peão: uma prática educativa com operários da construção civil*. In: **Alfabetização e cidadania**. São Paulo: RAAAB, nº 4, Dez. 1996.

IRELAND, Vera Esther Jandir da Costa & Oliveira, Maria de Lourdes Barreto. **Aprendendo com o trabalho**. João Pessoa, Editora Universitária UFPB, 1995.

_____. **Alfabetização de adultos - ainda a questão de método**. João Pessoa: mimeo, 1992.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática , 1990.

LIMA, Adriana O. **Alfabetização de Jovens e Adultos e a Reconstrução da Escola**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MACHADO, José Machado. **Matemática e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

MACHADO, Nilson José. **Matemática e Língua Materna: análise de uma impregnação Mútua**. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1991.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é leitura ?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

- MINAYO, Maria Cecília de S. *Olhando através dos andaimes e tapumes* In **Proposta**, nº . 33, *Operário em Construção*, FASE, 1987.
- MORICE, Alain. **Os Peões da Construção Civil em João Pessoa: a resistência do Capital ao assalariado**. João Pessoa, agosto de 1992 (mimeo).
- OLIVEIRA, Betty A. & Duarte, Newton. **Socialização do Saber Escolar**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1990.
- PEREIRA, Tânia Michel (org.). **Matemática nas Séries Iniciais**. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 1989.
- RIBEIRO, Vera M. M. et al. **Metodologia de Alfabetização: pesquisas em educação de jovens e adultos**. Campinas: CEDI/ Papyrus, 1992.
- RUBINSTEIN, Cléa. **Matemática para o Curso de Formação de Professores de 1ª a 4ª série do 1º grau**. São Paulo: Moderna, 1991.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.
- SCHLIEMANN, Ana Lúcia Dias. **Na Vida Dez, na Escola Zero**. São Paulo: Cortez, 1991.
- SOARES, Magda B. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *As Muitas Facetas da Alfabetização*. In **Cadernos de Pesquisa**, nº. 52, 1985.
- TEBEROSKY, Ana e Cardoso, Beatriz (org.). **Reflexões Sobre o Ensino da Leitura e da Escrita**, Campinas: Trajetória Cultural , 1991.
- TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita**. Campinas: Vozes, 1993.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.
- TRAVOGLIA , Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

**SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROJETO ESCOLA ZÉ PEÃO
MEB/CAFOD/SINE**

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES - ALFABETIZADORES 1997

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

1ª Semana - 17 a 21/02/97

EIXO TEMÁTICO: Educação e Trabalho

DIA: 17/02/97: Apresentação da Equipe do Projeto

- Explicação do cronograma e dinâmica do período de formação;
- Conhecimento das expectativas do grupo sobre a formação inicial;
- Exibição do vídeo “Construindo um mundo escrito”.

DIA: 18/02/97: Refletindo sobre a realidade da construção civil: visitas aos Canteiros (Manhã e Tarde)

- Elaboração de um relatório contendo apreciações sobre as questões observadas.

TEXTO: Convenção Coletiva 96/97 do Sindicato.

DIA: 19/02/97: A Construção Civil: o cotidiano e a realidade da categoria / O Sindicato e a proposta de um projeto escolar.

- Considerações sobre os relatórios elaborados;
- Leituras prévias-básicas e discussão sobre as questões levantadas.

TEXTOS: A Educabilidade do Trabalho: seu realismo em uma experiência educativa com trabalhadores - Maria de Lourdes Barreto de Oliveira;

As Bases Sociais do Projeto Escola Zé Peão - a indústria da construção, sua força de trabalho e a luta sindical - Timothy D. Ireland

PARTICIPAÇÃO: Paulo Marcelo

DIA: 20/02/97: A importância da sistematização para a compreensão da prática vivenciada

TEXTOS: Para Sistematizar Experiências - Oscar Jara Holliday (pp. 23 - 44).

DIA: 21/02/97: O Projeto Escola Zé Peão como uma prática de educação popular
Roteiro: Leitura prévia fichada e discussão em grupo.

TEXTOS: Alfabetização e Cidadania - Paulo Freire in: GADOTTI, M. e TORRES, C.A. Educação Popular - Utopia Latino-Americana.
PARTICIPAÇÃO: Alder Júlio Calado/Timothy D. Ireland

2ª Semana - 24 a 28/02/97

EIXO TEMÁTICO: A Alfabetização

DIA: 24/02/97: Educação de Adultos

TEXTO: “O Desenvolvimento é para o Homem, pelo Homem e do Homem - A Declaração de Dar es Salaam” - Julius K. Nyerere.

Leitura prévia, fichamento e discussões/considerações sobre os pontos mais importantes.

PARTICIPAÇÃO: Timothy D. Ireland

DIA: 25/02/97: A Alfabetização de Adultos - Introdução;

TEXTO: A Importância do Ato de Ler - Paulo Freire (pp. 11 - 21);

- Leitura prévia, fichamento e discussões sobre as questões relevantes.

- Exibição do vídeo sobre a referida temática.

DIA: 26/02/97: A Alfabetização de Adultos-Trabalhadores no Projeto Escola Zé Peão

TEXTO: Alfabetização de Adultos - ainda a questão do método - Vera Esther Jandir C. Ireland

- Leitura prévia, fichamento e discussão sobre as questões pertinentes.

PARTICIPAÇÃO: Cláudia Costa Duarte

DIA: 27/02/97: Concepção de Alfabetização: sentido x mecânica;

TEXTOS: O Lugar do Sentido na Pedagogia do Projeto Escola Zé Peão: a prática do ler e do escrever - Maria de Lourdes Barreto de Oliveira;

- Leitura prévia fichada e discussão sobre as questões levantadas;

PARTICIPAÇÃO: Maria de Lourdes Barreto de Oliveira

DIA: 28/02/97: Um Olhar da Varanda: conhecendo o trabalho do Varanda Vídeo

Discussão sobre a utilização do vídeo como recurso auxiliar no processo de alfabetização de adultos.

PARTICIPAÇÃO: José Barbosa da Silva

3ª Semana - 03 a 07/03/97

EIXO TEMÁTICO: O Projeto Escola Zé Peão: a questão metodológica da linguagem e da matemática

DIA: 03/03/97: A Arte-Educação como uma forma de expressão

PARTICIPAÇÃO: Maria do Mar do Bessa

DIA: 04/03/97: A Linguagem no Programa Alfabetização na Primeira Laje (método x conteúdo)
Continuação das discussões

DIA: 05/03/97: A Linguagem no Programa Tijolo sobre Tijolo (método x conteúdo)

TEXTOS: A área da linguagem no programa Tijolo sobre Tijolo

DIA: 06/03/97: O Ensino da Matemática no Projeto Escola Zé Peão

TEXTOS: Ciência e Matemática - Tek

PARTICIPAÇÃO: Erenildo João Carlos e João Batista Parente

DIA: 07/03/97: Matemática: teoria e prática

TEXTOS: Relatório do Prof. Erenildo João Carlos

Jornada de reflexão sobre a matemática na educação básica de jovens e adultos

PARTICIPAÇÃO: Erenildo João Carlos e João Batista Parente

4ª Semana - 10 a 14/03/97

DIA: 10/03/97: Preparação para as matrículas - breve estudo sobre critérios de matrícula

DIA: 11/03/97: Matrículas nos canteiros

DIA: 12/03/97: Matrículas nos canteiros

DIA: 13/03/97: Planejamento das primeiras semanas

DIA: 14/03/97: Utilização da Biblioteca Volante no Projeto Escola Zé Peão

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES - ALFABETIZADORES 1997

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANTUNES , Ricardo C. **O Que é Sindicalismo**, São Paulo: Brasiliense, 1984 .

BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática**: Opressão? Liberdade? São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, Carlos R. **O Que é Método Paulo Freire**, Brasiliense: São Paulo, 1985.

CENTURIÓN, Marilia. **Conteúdo e Metodologia de Matemática**: Números e Operações. São Paulo: Scipione, 1994.

DUARTE, Newton. **O Ensino de Matemática na Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Ensino da Matemática na Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.

_____. **Alfabetização em Processo**, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

_____. A Representação da linguagem e o processo de Alfabetização, In **Cadernos de Pesquisa**, nº. 52, fev/85.

_____. **Os Filhos do Analfabetismo**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez/INEP, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Alfabetização dos Alunos das Classes Populares**. São Paulo: Cortez, 1992.

GIL NETO, Antônio. **A Produção de Textos na Escola**. São Paulo: Loyola, 1992.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez., 1992.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática do Nível Pré-Silábico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Didática do Nível Silábico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Didática do Nível Alfabético**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1990.

LIMA, Adriana O. **Alfabetização de Jovens e Adultos e a Reconstrução da Escola**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MACHADO, José Machado. **Matemática e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

MACHADO, Nilson José. **Matemática e Língua Materna: análise de uma impregnação mútua**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de S. “Olhando através dos andaimes e tapumes” In **Proposta**, nº . 33, Operário em Construção, FASE, 1987.

MORICE, Alain. Os Peões da Construção Civil em João Pessoa: a resistência do capital ao assalariado. João Pessoa, agosto de 1992 (mimeo).

OLIVEIRA, Betty A. & Duarte, Newton. **Socialização do Saber Escolar**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.

PEREIRA, Tânia Michel (org.). **Matemática nas Séries Iniciais**. Rio Grande do Sul : UNIJUÍ, 1989.

RIBEIRO, Vera M. M. et al. **Metodologia de Alfabetização**: pesquisas em educação de jovens e adultos. Campinas: CEDI/ Papyrus, 1992.

RUBINSTEIN, Cléa. **Matemática para o Curso de Formação de Professores de 1ª a 4ª série do 1º grau**. São Paulo: Moderna, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

SCHLIEMANN, Ana Lúcia Dias. **Na Vida Dez, na Escola Zero**. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, Magda B. **Linguagem e Escola - uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. “As Muitas Facetas da Alfabetização”, In **Cadernos de Pesquisa**, nº. 52, 1985.

TEBEROSKY, Ana e Cardoso, Beatriz (org.). **Reflexões Sobre o Ensino da Leitura e da Escrita**, Campinas: Trajetória Cultural, 1991.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita**. Campinas: Vozes, 1993.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

TRAVOGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

PROPOSTA DE ROTEIRO PARA AS VISITAS DE OBSERVAÇÃO

* Sugestões de elementos a serem observados durante as visitas aos canteiros de obra:

1. Organização de trabalho (relações sociais de trabalho - hierarquia, divisão de trabalho);
2. Segurança, saúde e higiene no trabalho (capacete, botas, andaime, proteção nas máquinas);
3. Organização do espaço físico do canteiro (localização dos alojamentos e dos materiais de construção, distribuição e organização do espaço);
4. Ferramentas de trabalho e materiais utilizados na obra;
5. Condições de sobrevivência e moradia (estrutura dos alojamentos na obra);
6. Aspectos das relações sociais percebidas na obra;
7. Universo vocabular, comunicação entre os operários da construção civil;
8. Auto-imagem do operário de sua condição profissional;
9. Percepção do operário (de trabalho e de moradia) no canteiro de obra.

Após a visita, cada professor fará um relatório em que descreverá e analisará esses e outros elementos observados nos canteiros de obras. O mesmo será objeto de apreciação e discussão.

Projeto Escola Zé Peão

FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE EXECUÇÃO CURRICULAR

Professor: _____ **Canteiro:** _____
Programa: _____ **Mês:** _____ **Semana:** _____

ÁREA DE DOCÊNCIA: _____

N.º Alunos matriculados: _____ **Média de frequência semanal** _____

O que eu planejei:

O que aconteceu a partir do planejado:

O que eu penso sobre o que aconteceu:

Com base nessas reflexões, quais os encaminhamentos pensados:

Professor(a): _____ Turma: _____ Nº de alunos matriculados: _____

Nome do Aluno	Programa	Profissão	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agost o	Setembr o	Outubr o	Novembr o	Dezembro
1.												
2.												
3.												
4.												
5.												
6.												
7.												
8.												
9.												

Legenda: **F** (**F1** - frequência esporádica, **F2** - frequência constante); **NF** (**NF1** - matriculou-se mas não frequentou, **NF2** - parou de frequentar, **NF3** - demitido, **NF4** - transferido)

Nº de alunos por mês: Março: _____ Abril: _____ Maio: _____ Junho: _____ Julho: _____ Agosto: _____ Setembro: _____ Outubro: _____ Novembro: _____
Dezembro: _____

OFICINA DE ARTE

*“Como nos educarmos esteticamente para encontrar
no mesmo tempo, no canto de uma ordem de
luta e na sinfonia que elabora a história de um povo,
diferentes caminhos para uma mesma alegria?”*

Qual a função da arte em um projeto de alfabetização de adultos?

Como falar de sensibilidade estética a alunos cansados, sonolentos, olhando de esguelha os potes de tinta, os pincéis, as ilustrações, duvidando do seu próprio saber e da possibilidade de vir a saber alguma coisa através do fazer artístico?

E afinal, não estão ali para aprender a ler e a escrever?

Que escrita, que leitura pode advir de “garranchos”, de boizinhos e burrinhos modelados com argila?

Renoir, Portinari, Michelangelo, Leonardo Da Vinci, são apenas nomes que designam torres de concreto e ferro construídas por mãos calosas, num movimentação constante e gestos automáticos: sobe e desce, amassa, amalga, cobre, recobre, lixa, pinte e...desocupa. Baixa na carteira. Tempo de buscas. Portas que não se abrem. Buscas - emprego a qualquer preço.

Luta pela sobrevivência durante a semana. O lazer é uma corrida para ver a família, o reencontro com os amigos, a terra, o lugar onde mora.

-“Tá difícil! E a professora vem falar de arte.

Desenho é coisa de criança. O barro é sujo. Nós trabalha com ele o dia todo.

Mas se é para fazer, nós faz”.

Inúmeros questionamentos pontuam o desenrolar das oficinas de arte. Por que se configuram não como aulas formais de ensino de técnicas mas como espaços nos quais a aptidão crítica se amplia através do manuseio das cores, das formas, de comparações, do fazer que sempre faz a fala crítica.

-“Eu não sabia que sabia.”

Assim se expressa o operário-aluno mostrando o seu fazer ao final de uma oficina.

Da relutância inicial o abandono no gesto delicado com o pincel. O tímido olhar agora se espanta e se encanta diante da fruição criadora. O barro, aquilo que suja as mãos, saturado pelo uso automático, traz à memória as lembranças da infância perdida nas andanças e correrias pelo mundo. Risos, comentários, descobertas, divergências, concordâncias, alternativas, comparações, troca. O saber, que já não mais sabiam vai se achegando e é socializado.

Cumpre-se a poética de Drummond:

“Tenho duas mãos e o sentimento do mundo”

Cumpre-se a função da arte junto aos alunos-operários do Projeto Escola Zé Peão.

Maria das Dores Silva e Silva
João Pessoa, 21/03/98.

DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA DA AVALIAÇÃO:

1 - Avaliação dos conteúdos de ensino

1.1 Avaliação dos conteúdos da área da linguagem (programa de alfabetização e pós-alfabetização)

- Ilustração e produção de textos coletivos (Alfabetização)
- Avaliação dos conteúdos estudados na área de linguagem (Alfabetização)
- Ilustração e produção de textos individuais (Pós-alfabetização)
- Avaliação dos conteúdos estudados na área de linguagem (Alfabetização)

1.2 Avaliação dos conteúdos da área de matemática (programa da alfabetização e pós-alfabetização)

- Avaliação dos conteúdos estudados na área de matemática (Alfabetização)
- Avaliação dos conteúdos estudados na área de matemática (Pós-Alfabetização)

2 - Avaliação do processo de ensino

- Programa da Alfabetização (APL)
- Programa da Pós-Alfabetização (TST)

APÊNDICE 1

1 - Atividades da Área de Matemática

- 1.1 Representação numérica (sistema de numeral decimal)
- 1.2 Operação da adição (tabela de adição e adição sem reserva)
- 1.3 Figuras geométricas e medidas
- 1.4 Desenho de figuras geométricas
- 1.5 Problemas

APÊNDICE 2

2 - Atividades da Área de Linguagem

2.1 Desenho

2.2 Leitura de gravura/texto

2.3 Data comemorativa

2.4 Recorte e colagem

2.5 Caça-palavras

2.6 Formação de palavras

2.7 Leitura de textos

2.8 Desenho e produção textual

